



F72 – Figueiras

Figura 36: Subunidade de paisagem – Áreas agrícolas.

6.2 VALORES CULTURAIS ADV

6.2.1 PADRÃO DA PAISAGEM (A DOMINÂNCIA DA VINHA ALTERNANDO COM MATOS MEDITERRÂNICOS)

O trabalho combinado da natureza e do Homem refletem-se na paisagem do ADV, resultando do equilíbrio alcançado entre os declives acentuados, a escassez de água e os solos de xisto com as culturas selecionadas e adaptadas ao meio, ao longo de séculos (Candidatura do Alto Douro Vinhateiro a Património Mundial, 2000). O padrão da paisagem no ADV é marcado pelas culturas permanentes de vinha, olival e amendoal, lado a lado com extensas manchas de matos mediterrânicos e pelo pontuado de povoações e quintas, pelo plano de água criado pelo rio Douro e pelos seus principais afluentes e galerias ripícolas que lhe estão associadas.

As vinhas situadas até à cota dos 600m são tradicionalmente utilizadas para a produção de vinho do Porto, enquanto que as restantes vinhas, presentes a cotas mais elevadas (entre os 600 e os 700m) são para a produção dos restantes vinhos do Douro, dependendo a qualidade e o tipo de vinho também das orientações das encostas (Cancela d'Abreu *et al.*, 2004).

Os socalcos, sustentados por muros de pedra extraídos da própria encosta xistosa para a plantação da vinha, situam-se em encostas onde antes dominavam matos. Há, no entanto, algumas encostas ou partes de encosta onde a paisagem de socalcos tradicionais (terraços pré e pós-filoxéricos) tem vindo a ser alterada nas últimas décadas (Cancela d'Abreu *et al.*, 2004).

A necessidade de mecanização para rentabilização da produção aliada à escassez de mão-de-obra, fez com que se comesse a implantar diferentes sistemas de plantação e de cultivo. Assim, atualmente, os socalcos tradicionais são ainda dominantes, em termos de área, mas é já comum observar também vinhas plantadas em patamares, vinhas plantadas ao alto e vinhas plantadas sem armação de terreno.

Para além da vinha como cultura dominante, é frequente observar nos seus limites ou no alinhamento dos

caminhos agrícolas a plantação de oliveiras que também marcam a paisagem, pelo seu volume e cor.

Por outro lado, há alguns socalcos que se encontram abandonados, cobertos de mato, ou que foram utilizados para a plantação de oliveiras ou outra cultura, os quais são, quase sempre, vestígios do ataque da filoxera no fim do século passado, que levou à destruição da vinha existente e ao consequente abandono da produção vitícola por alguns proprietários. Os socalcos abandonados nessa época e consequentemente cobertos de mato têm a designação de “mortórios” e contribuem também para a diversificação da paisagem e refúgio de biodiversidade.

Também em zonas de declive bastante acentuado, em que a construção de socalcos não foi exequível, os povoamentos florestais de folhosas e resinosas e matos de feição mediterrânica ocupam o território.

Nas cotas mais elevadas e já não tão aptas para a cultura da vinha surgem outras culturas como a oliveira ou a amendoeira, áreas de matagal mediterrâneo, muitas vezes com presença de espécies arbóreas como o sobreiro, a azinheira ou o zimbro de forma mais ou menos esparsa e zonas florestais.

Assim, a partir de altitudes acima dos 700 m (que já não são favoráveis à cultura da vinha), a norte do Douro, a vinha dá lugar a povoamentos florestais (de folhosas e resinosas) enquanto a sul do Douro, dá lugar principalmente, a áreas de incultos, matos e pastagens. Estes incultos resultam de incêndios frequentes que não deixam estas áreas atingirem estádios de desenvolvimento vegetal mais maduros, resultam ainda de campos agrícolas abandonados e de áreas sem coberto vegetal.

Na área da Pedreira, o padrão da paisagem caracteriza-se pela presença do núcleo de Pedreiras do Poio envoltas por matagais, pastagens e áreas agrícolas com dominância de oliveiras e amendoeiras.

Em volta das povoações e das quintas que vão pontuando a paisagem, encontram-se hortas e pomares mistos de pomóideas, prunóideas, citrinos e figueiras que se desenvolvem em patamares devido ao relevo acidentado.

Este padrão paisagístico é recortado pelo rio Côa e pelas linhas de água que lhe estão associadas, pelos seus enclaves, meandros e vales encaixados com a presença de galerias ripícolas mais ou menos contínuas.

6.2.2 POVOAÇÕES E QUINTAS

As povoações são um elemento muito importante no contexto do património duriense. Nelas salientam-se as Aldeias Vinhateiras, assim designadas pelo programa “Aldeias Vinhateiras” no âmbito da Ação Integrada de Base Territorial do Douro.

As Aldeias Vinhateiras encerram uma história intrinsecamente ligada à cultura do vinho, são um produto mais relacionado com a economia local de pequena escala. São 6 as aldeias que se podem encontrar por estradas que serpenteiam através de vales, entre socalcos, patamares e vinhas, nomeadamente: Provesende (Sabrosa), Barcos (Tabuaço), Favaio (Alijó), Ucanha (Tarouca), Salzedas (Tarouca) e Trevões (S. João da Pesqueira).

As Aldeias Vinhateiras, assim denominadas desde 2001, nos últimos anos foram objeto de fortes investimentos que permitiram que todas elas tenham hoje espaços públicos reabilitados, desencadeando um processo qualificador e indutor da reabilitação de edifícios particulares e de instalação, embora ainda insipiente de

novas atividades, incluindo comércio de produtos locais, restauração e alojamento (Ramos C. e Fonseca G., 2014).

A análise toponímica na proximidade da área da Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II” destaca a pertinência e proximidade dos topónimos: Canada do Inferno, Poio e Quinta do Rego da Vide. Localizado mais distante da área de influência do projeto, destaca-se o topónimo Vale de Videiro. O significado da maioria dos topónimos salienta as características geomorfológicas e a atividade agrícola e industrial (Pedreiras do Poio) da área envolvente. A “Canada do Inferno” e o “Vale de Videiro” com altimetria compreendida entre cerca dos 400 m e os 150 m junto das águas do Rio Côa, revelam as assimetrias altimétricas e as dificuldades que estas elevações e os cursos de água representam para a circulação neste território.

As designações assumidas pelos topónimos: “Canada”, “Vale” e “Rego” refletem a importância que a geomorfologia assume para a toponomástica da região envolvente, considerando os obstáculos que significam os penhascos de grande altura/inclinação e as Linhas de água. Desta análise também sobressai curiosamente a importância assumida pelas atividades das pedreiras expressa no topónimo “Pedreiras do Poio”. Documenta este registo a antiguidade da atividade das pedreiras e a importância que assume para a economia da região. Na Figura 37 é apresentada a fotografia aérea com a indicação da localização das Aldeias Vinhateiras. As Aldeias Vinhateiras localizadas mais próximas da Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II” são a aldeia de Trevões (dista cerca de 25 km) e as aldeias de Barcos e Favaíós (dista cerca de 40 km). A partir destas aldeias não é possível avistar a pedreira em estudo devido à distância.

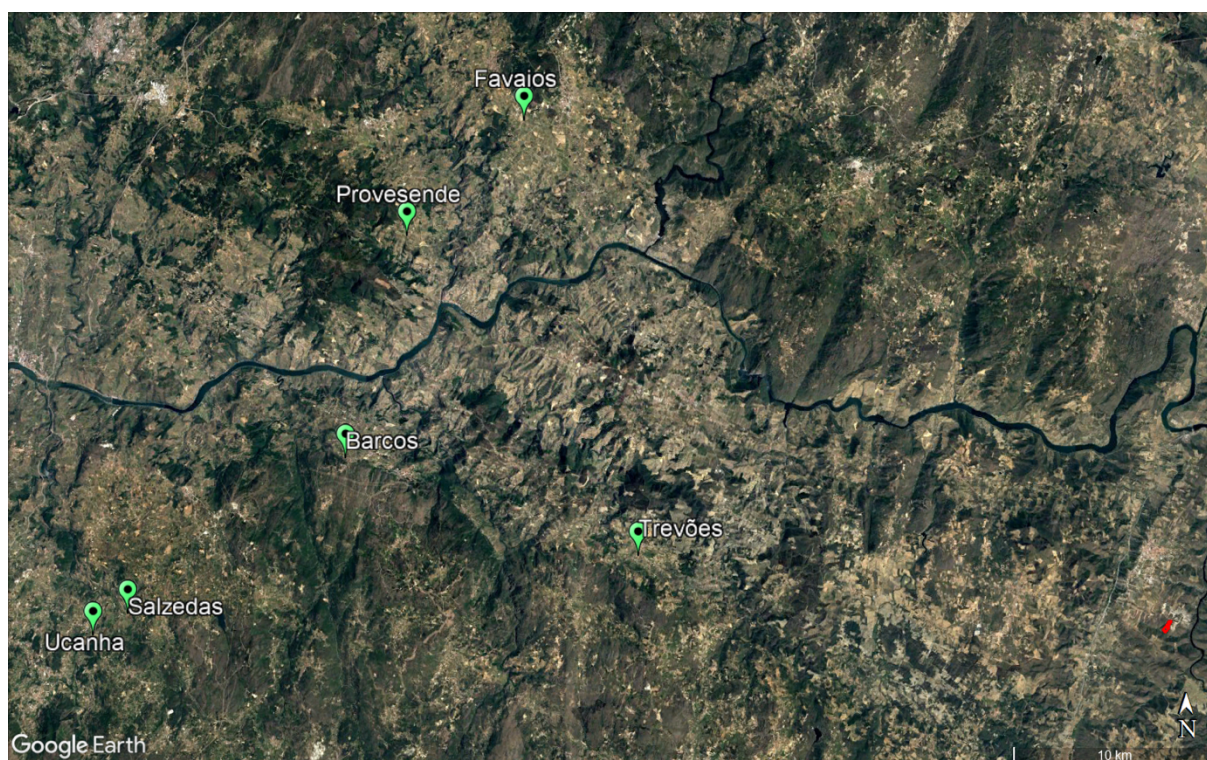


Figura 37: Fotografia aérea com indicação da localização das Aldeias Vinhateiras. A linha vermelha indica a localização do Projeto em estudo.

Na envolvente à Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II” verifica-se que o número de povoações é reduzido, sendo estas maioritariamente de pequena dimensão e dispersas, com exceção do aglomerado populacional correspondente à cidade de Vila Nova de Foz Côa. Na Tabela 8 e Figura 38 são apresentadas as povoações localizadas na proximidade da área do Projeto (até cerca de 6 km de distância).

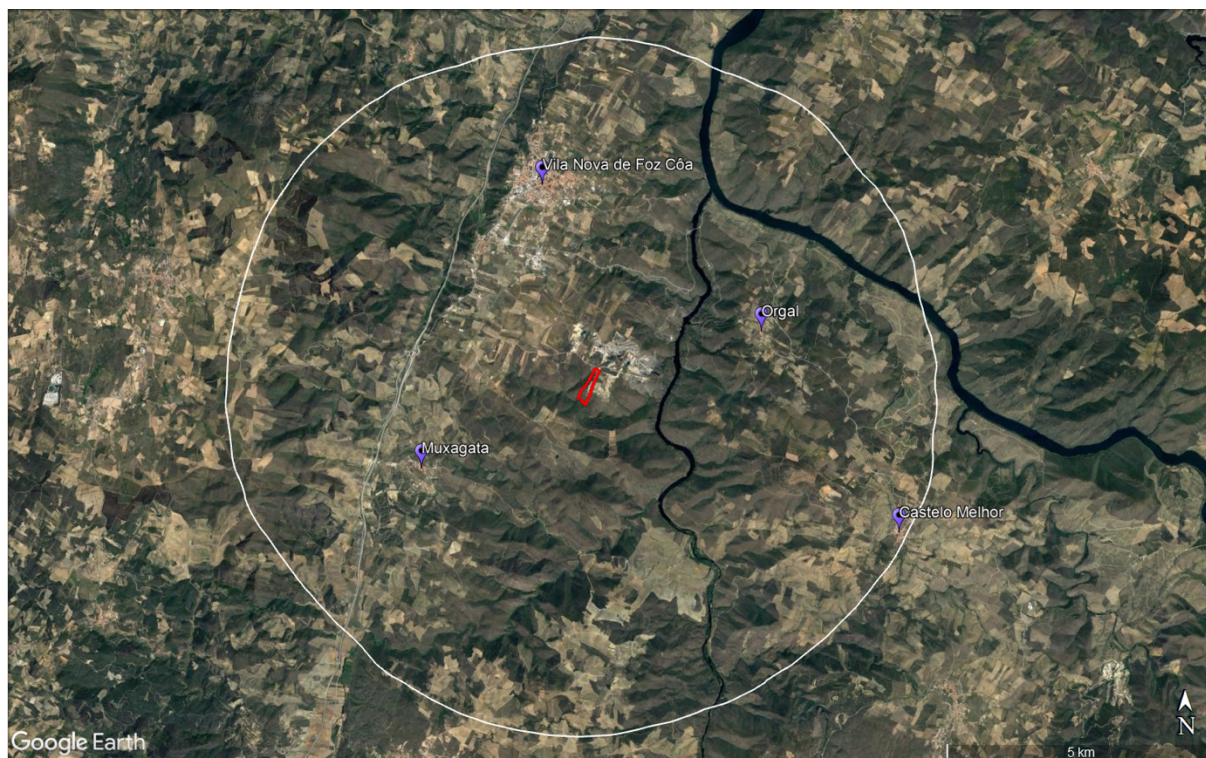


Figura 38: Fotografia aérea com indicação da localização das povoações mais próximas da área do Projeto. A linha vermelha indica a localização do Projeto em estudo e a linha branca um buffer de 6 km relativamente à área do projeto.

Tabela 8: Povoações num raio de 6 km relativamente à Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”.

Povoações	Distância aproximada à área do projeto – medida em linha reta (m)	Visibilidade para a Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”
Vila Nova de Foz Côa	2 400	Não
Orgal	2 900	Muito reduzida
Castelo Melhor	6 000	Não
Muxagata	2 800	Não

Ainda que exista possibilidade de a Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II” ser visível a partir da localidade de Castelo Melhor, a sua visibilidade poderá encontrar-se condicionada devido à cobertura vegetal e arbórea, ao edificado das zonas populacionais e, sobretudo, devido à topografia da região. Pelos mesmos motivos enunciados atrás, e por se encontrar numa zona de declives acentuados, terrenos com bastantes dobramentos, de festos e talvegues bem marcados, e limitada com coberto vegetal arbustivo e arbóreo, a

visibilidade da pedreira a partir da maioria das localidades existentes num raio de 6 km é nula ou bastante reduzida.

Por forma a avaliar a visibilidade real, tendo em consideração a ocupação do solo, identificaram-se os pontos de observação privilegiados da Bacia Visual em que se insere a área do projeto tendo em consideração a posição espacial das localidades, rodovias e festos, e foi realizada uma avaliação no local (trabalho de campo), *vide* Figura 39.





Figura 39: Identificação dos pontos de observação a partir dos quais foram obtidas as fotografias dos Pontos de Vista (PV) para a pedreira e orientação espacial das imagens obtidas. O polígono a vermelho delimita a Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”.

Nos pontos de observação PV1 e PV2, pontos de observação temporários onde a passagem é feita a velocidades moderadas a reduzidas e de frequência média associada à atividade industrial ou agrícola, localizados na estrada de acesso ao projeto em estudo, com altimetrias a rondar os 420 m, é possível observar-se a zona de exploração da Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”, escomboreiras, acumulação de produto finalizado e caminhos, sendo a sua visibilidade considera-se elevada.



Figura 40: Ponto de observação PV1 (estrada de acesso à Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”, a noroeste). O polígono vermelho identifica a área do Projeto.



Figura 41: Ponto de observação PV2 (estrada de acesso à Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”, a noroeste). O polígono vermelho identifica a área do Projeto.

No PV3, com altimetria de cerca de 440 m, a noroeste, a visibilidade da Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II” diminui, sobretudo, devido ao aumento da distância e ao posicionamento e direção da exploração. Este é um ponto de observação temporário, com passagens feitas a velocidades moderadas a reduzidas e de baixa frequência associada à atividade agrícola, sendo a visibilidade da pedreira considerada reduzida.



Figura 42: Ponto de observação PV3 (estrada de acesso a áreas agrícolas, a noroeste da Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”). O polígono vermelho identifica a área do Projeto.

Os pontos de observação PV4, PV5, PV6 e PV7, com altimetrias entre 400 e 430 m, a oeste (PV4 e PV5), sudoeste (PV6) e sul (PV7) da área em estudo, localizam-se num caminho rural de acesso a áreas agrícolas, tratando-se de pontos de observação temporários, onde a passagem é feita a velocidades reduzidas e de baixa frequência associada à atividade agrícola. Quanto à visibilidade para a Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II” devido à distância e orogenia do terreno é reduzida a partir do ponto PV4, moderada a partir do PV5 e elevada a partir dos pontos PV6 e PV7, sendo visíveis a área de exploração, as encostas e escomboreiras.



Figura 43: Ponto de observação PV4 (caminho rural, a oeste da Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”). O polígono vermelho identifica a área do Projeto.



Figura 44: Ponto de observação PV5 (caminho rural, a oeste da Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”). O polígono vermelho identifica a área do Projeto.



Figura 45: Ponto de observação PV6 (caminho rural, a sudoeste da Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”). O polígono vermelho identifica a área do Projeto.



Figura 46: Ponto de observação PV7 (caminho rural, a sul da Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”). O polígono vermelho identifica a área do Projeto.

Nos pontos PV9 e PV10, localizados a sul da área em estudo e a altimetrias de cerca de 270 e 310 m,

respetivamente, são facilmente visíveis a zona de exploração e a escombreira localizada mais a sul. Ambos os locais se tratam de pontos de observação temporários, situados em acessos rurais utilizado principalmente como acesso aos campos agrícolas, onde a passagem é feita a velocidades reduzidas e de baixa frequência.



Figura 47: Ponto de observação PV9 (caminho rural, a sul da Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”). O polígono vermelho identifica a área do Projeto.



Figura 48: Ponto de observação PV10 (caminho rural, a sul da Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”). O polígono vermelho identifica a área do Projeto.

No ponto PV8, por se tratar de um local a altimetria inferior à da Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II” não é possível avistar-se o projeto.

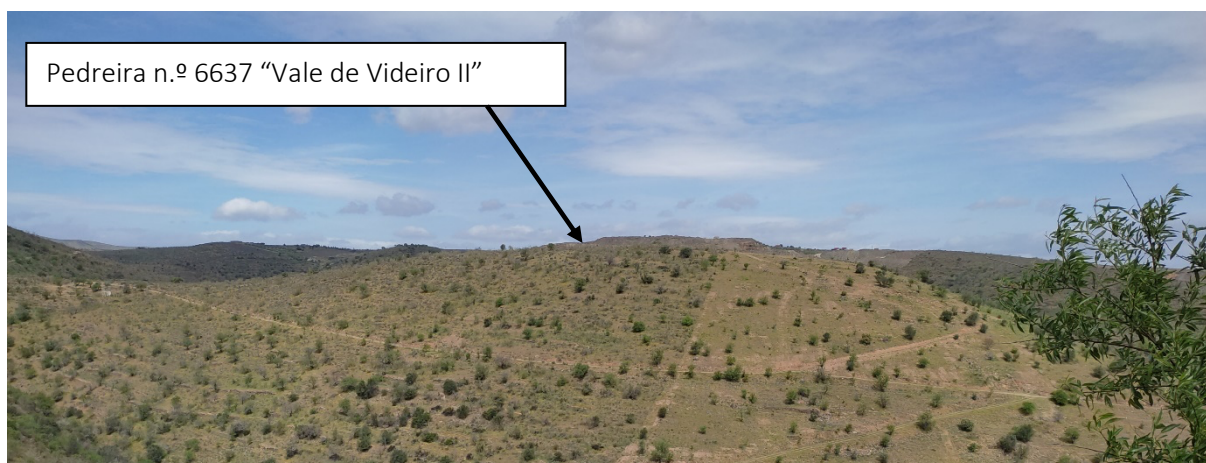


Figura 49: Ponto de observação PV8 (caminho rural, a sudeste da Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”).

Relativamente aos pontos de observação PV11, PV12, PV13, PV14 e PV15, localizados a este e nordeste da Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”, a visibilidade para o projeto é nula. No entanto, ainda que esta não seja visível, são observáveis algumas das pedreiras vizinhas, ou seja, é identificável o Núcleo de Pedreiras do Poio no qual a área de estudo está integrada. Com exceção do PV11, onde a visibilidade para o Núcleo de Pedreiras do Poio é elevada, nos restantes locais a visibilidade é reduzida, em grande parte, devido à distância e à morfologia acidentada do terreno.

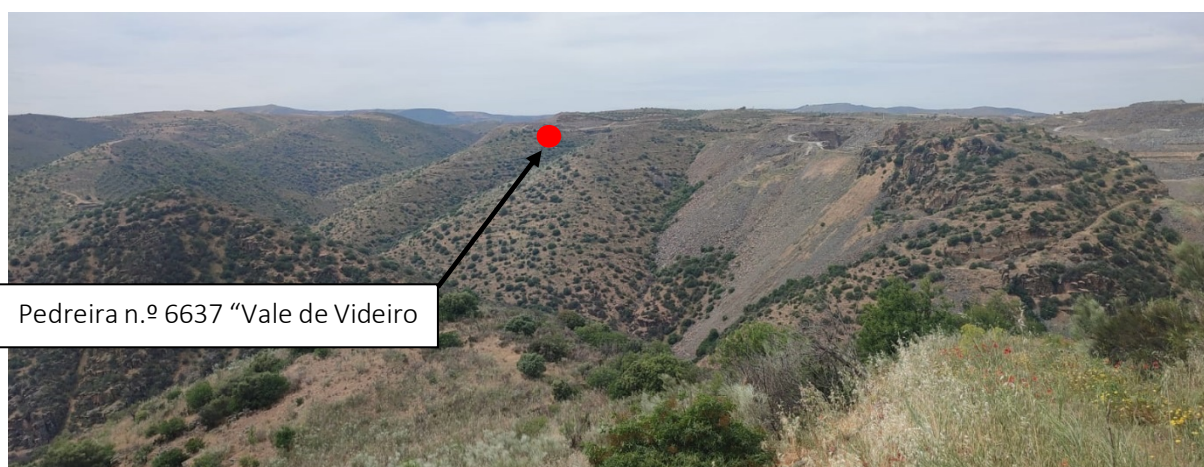


Figura 50: Ponto de observação PV11 – Núcleo de Pedreiras do Poio (caminho rural, a este da Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”).



Figura 51: Ponto de observação PV12 – Núcleo de Pedreiras do Poio (caminho rural, a nordeste da Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”). O polígono vermelho identifica a área do Projeto.



Figura 52: Ponto de observação PV13 – Núcleo de Pedreiras do Poio (caminho rural, a nordeste da Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”). O polígono vermelho identifica a área do Projeto.



Figura 53: Ponto de observação PV14 – Núcleo de Pedreiras do Poio (caminho rural, a nordeste da Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”). O polígono vermelho identifica a área do Projeto.



Figura 54: Ponto de observação PV15 – Núcleo de Pedreiras do Poio (caminho rural, a nordeste da Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”). O polígono vermelho identifica a área do Projeto.

No que diz respeito à visibilidade para a Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II” a partir da cidade de Vila Nova de Foz Côa, verifica-se que esta é nula, como exemplificam os pontos de observação PV16 e PV17, situados a uma altimetria superior à da pedreira. O mesmo acontece relativamente ao PV18, na localidade de Muxagata, onde não se avista o projeto em estudo. O facto da localização da pedreira e o sentido de exploração serem numa encosta oposta à cidade de Vila Nova de Foz Côa e à distância e morfologia do terreno entre o projeto e a localidade de Muxagata, protegem a população de uma paisagem humanizada e industrializada, alterada pela exploração de xisto.



Figura 55: Ponto de observação PV16 (parque industrial de Vila Nova de Foz Côa, a noroeste da Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”).



Figura 56: Ponto de observação PV17 (zona habitacional de Vila Nova de Foz Côa, a noroeste da Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”)



Figura 57: Ponto de observação PV18 (localidade de Muxagata, a sudoeste da Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”).

No ADV para além das povoações, as quintas do Douro marcam a paisagem. Os edifícios habitacionais, de cores claras estão rodeados de edifícios de apoio à agricultura, principalmente à atividade vitivinícola.

Em volta das povoações e das quintas, encontram-se hortas e pomares mistos de pomóideas, prunóideas, citrinos e figueiras que se desenvolvem em patamares devido ao relevo acidentado. Estes pomares vão perdendo, contudo, importância à medida que se sobe em altitude. Para além dos núcleos populacionais, quintas, hortas e pomares, encontra-se a vinha como cultura dominante, tendo nos seus limites ou no alinhamento dos caminhos agrícolas a plantação de oliveiras que também marcam a paisagem, pelo seu volume e cor. Em zonas de declive bastante acentuado, em que a construção de socalcos não foi exequível, os povoamentos florestais de folhosas e resinosas e matos de feição mediterrânica ocupam o território. A partir de altitudes acima dos 700 m (que já não são favoráveis à cultura da vinha), a norte do Douro, a vinha dá lugar a povoamentos florestais (de folhosas e resinosas) enquanto a sul do Douro, dá lugar principalmente, a áreas de incultos, matos e pastagens. Estes incultos resultam de incêndios frequentes que não deixam estas áreas atingirem estádios de desenvolvimento vegetal mais maduros, resultam ainda de campos agrícolas

abandonados e de áreas sem coberto vegetal.

Na área envolvente próxima à Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”, não se verifica a existência de Quintas relevantes em termos de Património. Já numa área mais alargada verifica-se a existência de 4 quintas, encontrando-se a mais próxima a cerca de 3,2 km, a Quinta da Saudade. Na Figura 58 e Tabela 9 é apresentada a localização das quintas referenciadas pela CIMDOURO e quintas de produção vinícola existentes na envolvente da Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”, num buffer de 6 km (de acordo com a informação disponibilizada pela CIMDOURO <https://www.cimdouro.pt/> e quintas referenciadas na plataforma Google Maps).

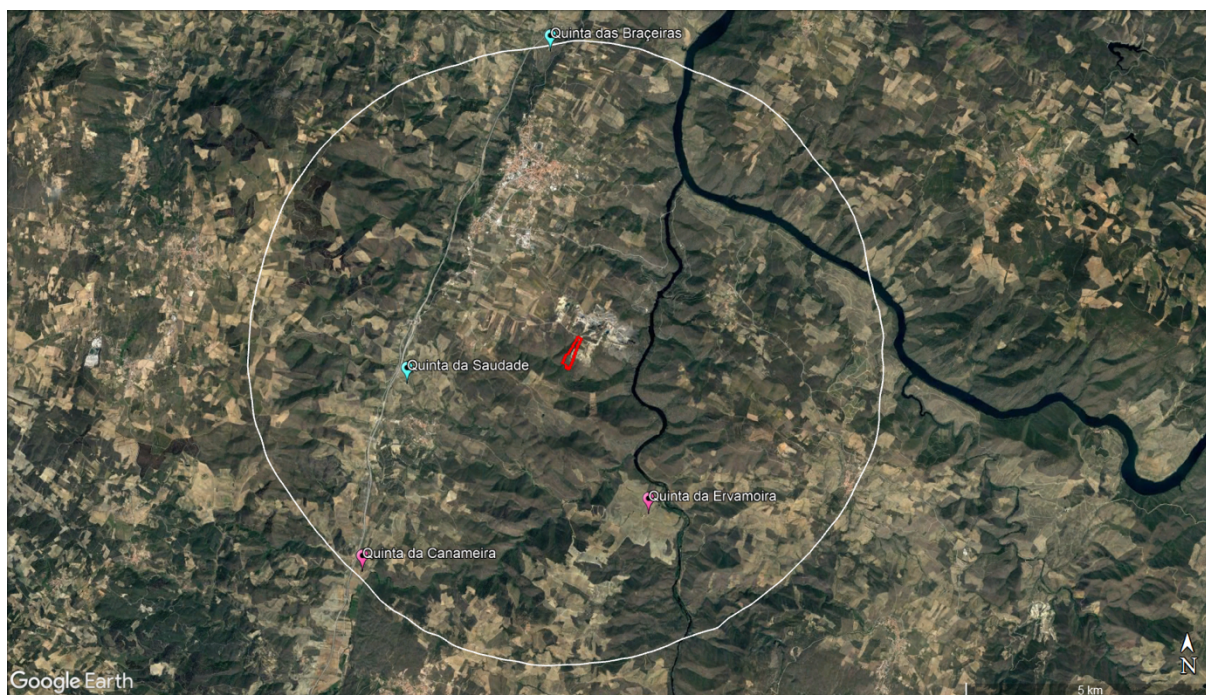


Figura 58: Fotografia aérea com marcação das Quintas existentes na envolvente da Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”. Marcadores rosa – quintas indicadas pela CIMDOURO (fonte: <https://www.cimdouro.pt/>); Marcadores azuis – quintas produtoras vinícolas (fonte: Google Maps). A linha branca indica um buffer 6 km.

Tabela 9: Quintas existentes na envolvente da Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”, buffer 6 km. Fonte: <https://www.cimdouro.pt/> e Google Maps.

Quinta	Morada	Código postal	Concelho	Fonte
Quinta da Canameira	Quinta da Canameira	5150-000	Vila Nova de Foz Côa	CIMDOURO
Quinta da Ervamoira	Quinta da Ervamoira – Muxagata	5150-338		
Quinta das Braçadeiras	-	-		
Quinta da Saudade	Quinta da Saudade	5150-333		Google Maps

6.2.3 O SAGRADO

Os monges cistercienses influenciaram a construção da paisagem a partir das imensas propriedades que detinham entre Lamego e a foz do Varosa (na fronteira com a Régua), sendo o património religioso vasto e disperso na paisagem, mas modesto.

No Alto Douro não existem igrejas ou santuários de grandes dimensões, no entanto a paisagem é pontuada por pequenas capelas localizadas nos pontos mais altos (bem mais perto dos deuses) ou próximo das casas e quintas, pois sendo o rio uma “fonte de doença” e perante as adversidades de navegar no Douro, as populações devotavam a sua fé para obter proteção.

Alguns destes locais são muito antigos e muitos, por se localizarem em zonas mais altas, são pontos de observação da paisagem excecionais sobre o vale do rio Douro e das suas encostas.

Na área de estudo (*buffer* de 6 km em redor da área a licenciar da Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”), salientam-se as capelas e igrejas indicadas na Figura 59 e Tabela 10, das quais a Igreja Matriz de Vila Nova de Foz Côa e a Capela de Nossa Senhora da Conceição estão indicadas como Património Classificado pela CIMDOURO. Os locais sagrados indicados, apesar de se encontrarem dentro da área em estudo, não permitem a visualização da pedreira.

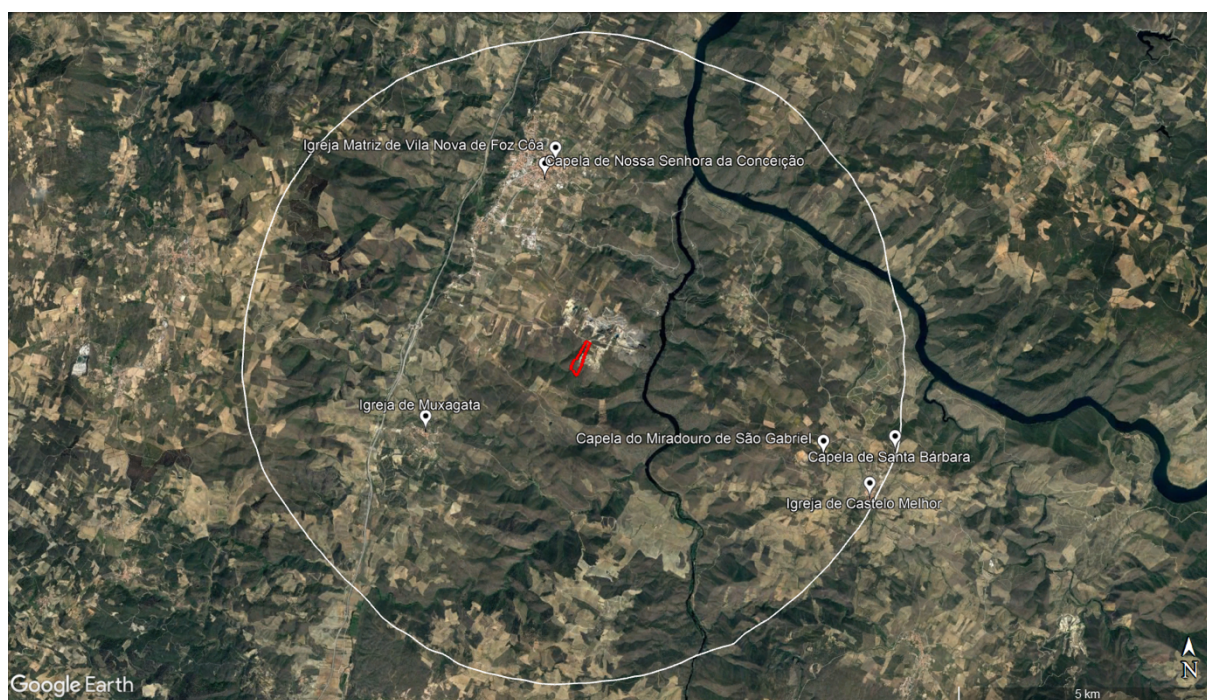


Figura 59: Fotografia aérea com marcação dos locais sagrados existentes na envolvente da Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”. A linha branca indica um *buffer* 6 km.

Tabela 10: Locais sagrados existentes na envolvente da Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”, buffer 6 km.

Local Sagrado	Localidade	Concelho	Património Classificado
Igreja Matriz de Vila Nova de Foz Côa	Vila Nova de Foz Côa	Vila Nova de Foz Côa	Sim
Capela de Nossa Senhora da Conceição	Vila Nova de Foz Côa		Sim
Igreja de Muxagata	Muxagata		Não
Capela do Miradouro de São Gabriel	Castelo Melhor		Não
Capela de Sata Bárbara	Castelo Melhor		Não
Igreja de Castelo Melhor	Castelo Melhor		Não

6.2.4 A ACESSIBILIDADE – A NAVEGABILIDADE DO RIO DOURO, O CAMINHO-DE-FERRO E AS RODOVIAS

Durante séculos o rio Douro foi a principal via de comunicação do Alto Douro. Os caminhos ao longo dos seus afluentes faziam chegar pessoas e bens dos pontos mais altos ao rio. O caminho-de-ferro foi construído por volta de 1870 nas margens do rio Douro e só no século XX se estendeu ao longo dos seus afluentes. Recentemente o acesso à região tem sido melhorado, em especial através da nova rede viária.

“Desde tempos imemoriais que o rio Douro constitui um importante meio de comunicação e de transporte dos produtos da região, tendo sido até finais do século passado a sua única via de acesso. (...) O barco rabelo foi concebido com características adequadas a este rio e especialmente para o transporte de pipas de vinho, havendo referências da sua existência em documentos do século X. (...) Ainda que essencialmente baseada no transporte de granitos, a navegação comercial gera mais-valias significativas para a região ao viabilizar economicamente a exploração de pedreiras e ao criar postos de trabalho em áreas deprimidas. (...) Existem a operar no Douro cerca de 186 embarcações que disponibilizam uma grande variedade de ofertas turísticas que vão desde o passeio simples de curta duração (passeio das pontes do Porto e Gaia ou do Património Mundial) até ao cruzeiro semanal Porto - Barca d'Alva em barco-hotel de luxo. (...) Tem-se verificado uma tendência de crescimento do número de turistas fluviais e da frota de embarcações disponível para os cruzeiros turísticos. Ao longo do rio, os Municípios e a APDL têm levado a cabo a melhoria e a construção de cais turístico-fluviais dotados de infra-estruturas adequadas a um turismo de alta qualidade. (...) Paralelamente à navegação turística e comercial a navegação desportiva tem vindo a aumentar muito significativamente.” (APLD Douro <https://douro.apdl.pt/via-navegavel-douro/promocao/>)

De acordo com a APDL Douro, em Portugal, a via navegável do Douro, dispõe de 208 km, desde o Oceano Atlântico até à fronteira Espanhola de Barca D'Alva, com um desnível de 125 m vencido por 5 eclusas de navegação (de 13 a 35 m), *vide* Figura 60. Considerado uma via navegável com características internacionais e modernas, aberta, em toda a sua extensão, a embarcações de todo o tipo, excetuando veleiros com mais de 7,20 m de mastro. As dimensões máximas das embarcações permitidas nas eclusas: comprimento 83 m; boca 11,4 m; calado 3,8 m; calado aéreo 7,5 m. Restrições a montante do Pinhão, devido ao estrangulamento do

canal: comprimento 83 m; calado 2 m. O canal de navegação está balizado com assinalamento fluvial, nas cores regulamentares e ao longo da via existem cerca de 60 cais fluviais (APLD Douro <https://douro.apdl.pt/via-navegavel-douro/canal-de-navegacao/>).

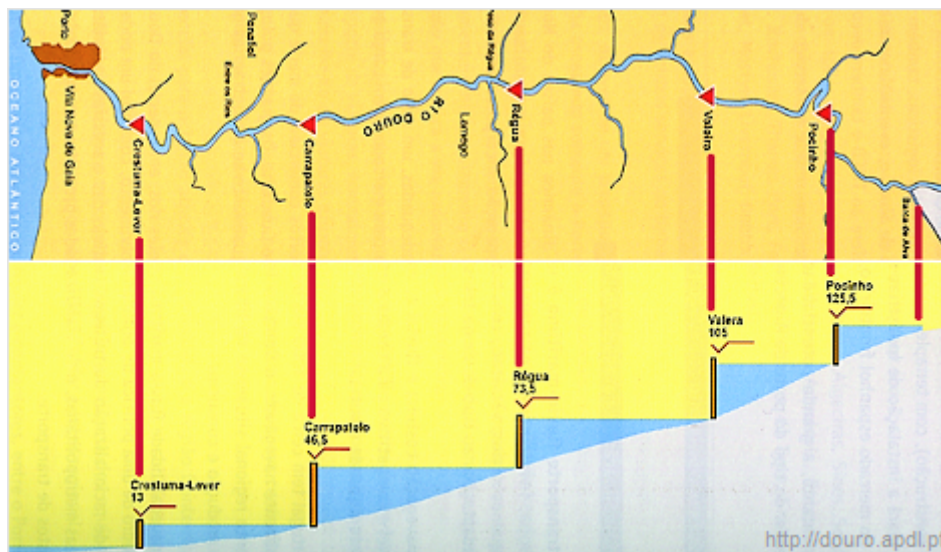


Figura 60: Localização e altura das eclusas existentes no rio Douro.

Atualmente existe uma grande oferta de navegação marítimo-turística. A navegação marítimo-turística distribui-se entre os seguintes segmentos:

- Cruzeiros mais do que um dia (embarcações hotel);
- Cruzeiros de um dia (que utilizam eclusas), que estão, na sua quase totalidade, divididos nos trajetos Porto/Régua/Porto, Régua/Pinhão/Régua e Régua/Barca D’Alva/Régua;
- Cruzeiros na mesma albufeira, que se concentram nas zonas Porto/Gaia, Entre-os-Rios, Régua, Pinhão, Foz do Sabor e Pocinho.

6.2.5 OS TERRAÇOS E OS MUROS EM XISTO E AS DIFERENTES TIPOLOGIAS DE PLANTIO DA VINHA

Os solos xistosos e a feição do relevo determinam formas notáveis de transformação da paisagem. Para cultivar a vinha nas encostas íngremes e pedregosas do Douro e seus afluentes, onde antes dominavam os matos, foi necessário produzir solo e construir terraços (socalcos) sustentados, tradicionalmente, por muros de xisto (extraído da própria encosta xistosa) e que se combinam hoje com novas formas de armação de vinha (Candidatura do Alto Douro Vinhateiro a Património Mundial, 2000).

Os socalcos mais antigos apresentam paredes baixas e geios estreitos e irregulares, que acompanham as curvas de nível e os afloramentos rochosos, tendo por vezes apenas uma fiada de videiras – terraços pré-

filoxéricos. Estes terraços foram na sua maioria construídos antes do ataque da filoxera no último terço do século passado, que levou à destruição da vinha existente e ao consequente abandono da produção vitícola por alguns proprietários, ficando muitos destes terraços abandonados (mortórios), recobertos de vegetação espontânea e matos. Outros destes terraços foram recuperados para replantação de vinha ou para a plantação de oliveiras ou outras culturas.

Associados a alguns terraços pré-filoxéricos, é possível ainda observar vestígios de técnicas tradicionais ainda mais antigas, como a dos pilheiros, em que as videiras eram plantadas nas próprias paredes, deixando-se os geios livres para outras culturas.

Os terraços pós-filoxéricos, construídos a maior parte deles entre finais do século XIX e os anos 30 do século XX, no período de reconstrução do vinhedo regional, apresentam paredes sólidas, altas e retilíneas, suportando geios largos, com quatro, cinco ou mais fiadas de vinha (Candidatura do Alto Douro Vinhateiro a Património Mundial, 2000).

A necessidade de mecanização para rentabilização da produção aliada à escassez de mão-de-obra, fez com que se comesse a implantar diferentes sistemas de plantação e de cultivo, levando a que a paisagem de socalcos tradicionais (terraços pré e pós-filoxéricos) tenha vindo a ser alterada (Cancela d’Abreu *et al.*, 2004), sendo já comum observar também vinhas plantadas em patamares, vinhas plantadas ao alto e vinhas plantadas sem armação de terreno.

6.2.6 PATRIMÓNIO CULTURAL, ARQUEOLÓGICO, ARQUITETÓNICO E ETNOLÓGICO

6.2.6.1 Património arqueológico e património etnográfico

Inscrito na Lista da Unesco como Património da Humanidade em 1998, o Vale do Côa é considerado “o mais importante sítio com arte rupestre paleolítica de ar livre”. O sítio arqueológico divide-se em dois eixos fluviais principais: 30 quilómetros ao longo do rio Côa – Faia, Penascosa, Quinta da Barca, Ribeira de Piscos, Canada do Inferno – e 15 quilómetros pelas margens do rio Douro – Fonte Fireira, Broeira, Foz do Côa, Vermelha, Vale de José Esteves, Vale de Cabrões. Como uma imensa galeria ao ar livre, o Vale do Côa apresenta mais de mil rochas com manifestações rupestres, identificadas em mais de 70 sítios distintos, sendo predominantes as gravuras paleolíticas, executadas há cerca de 25 000 anos.

Na base de dados da Direção Geral do Património Cultural (DGPC), relativamente ao concelho Vila Nova de Foz Côa encontram-se registados 276 sítios arqueológicos dos quais 62 sítios localizados na freguesia de Vila Nova de Foz Côa (*vide* Tabela 11). Na Figura 61 é apresentado o posicionamento dos sítios arqueológicos existentes na envolvente da Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”, com localização geográfica disponível e referenciados pela DGPC, num buffer de 6 km (de acordo com a informação disponibilizada em <https://arqueologia.patrimoniocultural.pt/index.php?sid=sitios&p=1>).

Tabela 11: Sítios arqueológicos, registados na base de dados da DGPC, relativos à freguesia de Vila Nova de Foz Côa.
(Fonte: Portal Arqueológico – DGPC)

Designação	Nº CNS	Tipo	Conservação/ Período	Coordenadas (WGS84)
Alto das Malhadas	22886	Povoado	Regular / Idade do Ferro	-
Azinhate	41517	Arte Rupestre	- / -	-
Bairro Flor da Rosa 4	33210	Mancha de Ocupação	- / Romano	Latitude: 41,080483 Longitude: -7,156757
Bairro Flor da Rosa 5	33211	Mancha de Ocupação	- / Romano	Latitude: 41,078191 Longitude: -7,158326
Bairro Flor da Rosa 6	32781	Habitat	- / Romano	Latitude: 41,074869 Longitude: -7,159494
Cachão	41524	Arte Rupestre	Regular / Paleolítico Superior	-
Calçada da Vermelha	41504	Calada	- / Moderno	-
Campanas	11026	Povoado	- / Calcolítico	Latitude: 41,117826 Longitude: -7,182970
Canada da Moreira	41492	Arte Rupestre	- / Paleolítico Superior, Idade do Ferro e Moderno	-
Canada do Arroba	41493	Arte Rupestre	Regular / Paleolítico, Idade do Ferro e Moderno	-
Castelo Velho do Monte de Meão (ou Castelo Velho 5)	11029	Povoado Fortificado	- / Idade do Ferro, Romano, Idade do Bronze - Final	Latitude: 41,143220 Longitude: -7,151040
Crelgo	41506	Sepultura	Regular / Idade Média	-
Eira	17502	Vestígios Diversos	- / Indeterminado e Romano	Latitude: 41,133947 Longitude: -7,130218
Foz do Côa - Rocha 112	29919	Arte Rupestre	- / Paleolítico e Idade do Ferro	Latitude: 41,077354 Longitude: -7,109516
Foz do Côa - Rocha 113	29920	Arte Rupestre	Regular / Idade do Ferro e Moderno	-
Lameira Longa	41490	Sepultura	Bom / Idade Média	-
Minas do Cabeço Vermelho	39030	Mina	Regular / Indeterminado	Latitude: 41,148238 Longitude: -7,121879
Moinhos de Cima - Rocha 17	29912	Arte Rupestre	Regular / -	-
Moinhos de Cima - Rocha 18	29913	Arte Rupestre	Mau / Indeterminado	-
Moinhos de Cima - Rocha 22	29914	Arte Rupestre	Bom / Idade do Ferro	-
Moinhos de Cima - Rocha 23	29915	Arte Rupestre	- / Paleolítico	Latitude: 41,073355 Longitude: -7,112470
Moinhos de Cima - Rocha 4	29908	Arte Rupestre	- / Idade do Ferro	Latitude: 41,070632 Longitude: -7,109038
Moinhos de Cima - Rocha 5	29910	Arte Rupestre	Regular / -	-
Moinhos de Cima - Rocha 6	29909	Arte Rupestre	- / Idade do Ferro	Latitude: 41,072245 Longitude: -7,110191
Moinhos de Cima - Rocha 7	29911	Arte Rupestre	- / Idade do Ferro	Lisboa DGPC Latitude: 41,071731 Longitude: -7,110127
Monte Meão I	41507	Povoado	Regular / Neo-Calcolítico e Idade do Bronze	-
Monte Meão III	41561	Mancha de Ocupação	Regular / Neo-Calcolítico	-
Monte Meão IV	41577	Arte Rupestre	Regular / Neo-Calcolítico e Romano	-
Monte Meão V	41585	Arte Rupestre	Regular / Moderno	-

Designação	Nº CNS	Tipo	Conservação/ Período	Coordenadas (WGS84)
Monte Meão VI	41578	Mancha de Ocupação	Regular / Neo-Calcolítico e Romano	-
Monte Meão VII	41579	Mancha de Ocupação	Regular / Neo-Calcolítico	-
Núcleo de Arte Rupestre da Foz do Côa	8456	Arte Rupestre	- / Idade do Ferro, Paleolítico Superior e Contemporâneo	Latitude: 41,080248 Longitude: -7,108375
Núcleo de Arte Rupestre da Vermelha	11168	Arte Rupestre	- / Idade do Ferro e Paleolítico Superior	Latitude: 41,086721 Longitude: -7,107195
Núcleo de Arte Rupestre de Vale de Cabrões	8455	Arte Rupestre	- / Paleolítico Superior, Idade do Ferro e Neo-Calcolítico	Latitude: 41,091065 Longitude: -7,117891
Núcleo de Arte Rupestre de Vale do Forno	11174	Arte Rupestre	- / Idade do Ferro	Latitude: 41,068587 Longitude: -7,115982
Núcleo de Arte Rupestre da Bulha	41509	Arte Rupestre	- / Paleolítico Superior, Idade do Ferro e Moderno	-
Paço	11044	Vestígios Diversos	- / Romano	Latitude: 41,084992 Longitude: -7,133461
Pedreira do Poio	39266	Povoado	Destruído / Calcolítico	Latitude: 41,050790 Longitude: -7,119303
Poio	41580	Arte Rupestre	Regular / Paleolítico Superior	-
Quita da Barca IV	41491	Arte Rupestre	Regular / Moderno	-
Quinta do Vale de Meão	11144	Estação de Ar Livre	Paleolítico Inferior	Latitude: 41,154242 Longitude: -7,124071
Raposeira I	41540	Arte Rupestre	Regular / idade do Ferro	-
Raposeira II	41541	Arte Rupestre	Regular / Idade do Ferro	-
Reguengo / Nossa Senhora da Veiga	41576	Vila	Regular / Romano	-
Texugo	39723	Povoado	Regular / Calcolítico	Latitude: 41,044037 Longitude: -7,119261
Tudão	41513	Arte Rupestre	- / Paleolítico Superior e Idade do Ferro	-
Vale Escuro I	41515	Arte Rupestre	- / -	-
Vale Videiro	8467	Arte Rupestre	- / Paleolítico Superior	Latitude: 41,038889 Longitude: -7,112752
Vale da Casa (ou Vale da Cerva)	1703	Arte Rupestre	- / Idade do Bronze e Idade do Ferro	Latitude: 41,108780 Longitude: -7,102684
Vale da Casa II	41554	Arte Rupestre	Em Perigo / Paleolítico Superior Neo-Calcolítico e Moderno	-
Vale de Cabrões II	41494	Arte Rupestre	Regular / Paleolítico Superior, Idade do Ferro e Moderno	-
Vale de Canivães	41552	Arte Rupestre	Regular / -	-
Vale de José Esteves II	41570	Arte Rupestre	- / Paleolítico Superior e Idade do Ferro	-
Vale de José Esteves III	41571	Arte Rupestre	- / Paleolítico Superior e Idade do Ferro	-
Vale de José Esteves IV	41584	Arte Rupestre	- / Paleolítico Superior, Idade do Ferro e Moderno	-
Vale de Moinhos - Rocha 10	29905	Arte Rupestre	- / Moderno	Latitude: 41,068365 Longitude: -7,124551
Vale de Moinhos - Rocha 11	29906	Arte Rupestre	- / Idade do Ferro	Latitude: 41,068489 Longitude: -7,119220
Vale de Moinhos - Rocha 12	29907	Arte Rupestre	- / Paleolítico Superior	Latitude: 41,066258 Longitude: -7,118373
Vale de Moinhos - Rocha 7	11312	Arte Rupestre	- / Idade do Ferro	Latitude: 41,068726

Designação	Nº CNS	Tipo	Conservação/ Período	Coordenadas (WGS84)
				Longitude: -7,121560
Vale do Forno - Rocha 19	29918	Arte Rupestre	- / Paleolítico	Latitude: 41,076001 Longitude: -7,110311
Vale do Forno - Rocha 5	29916	Arte Rupestre	Regular / Idade do Ferro	-
Vale do Forno - Rocha 6	29917	Arte Rupestre	- / Idade do Ferro	Latitude: 41,076001 Longitude: -7,110311

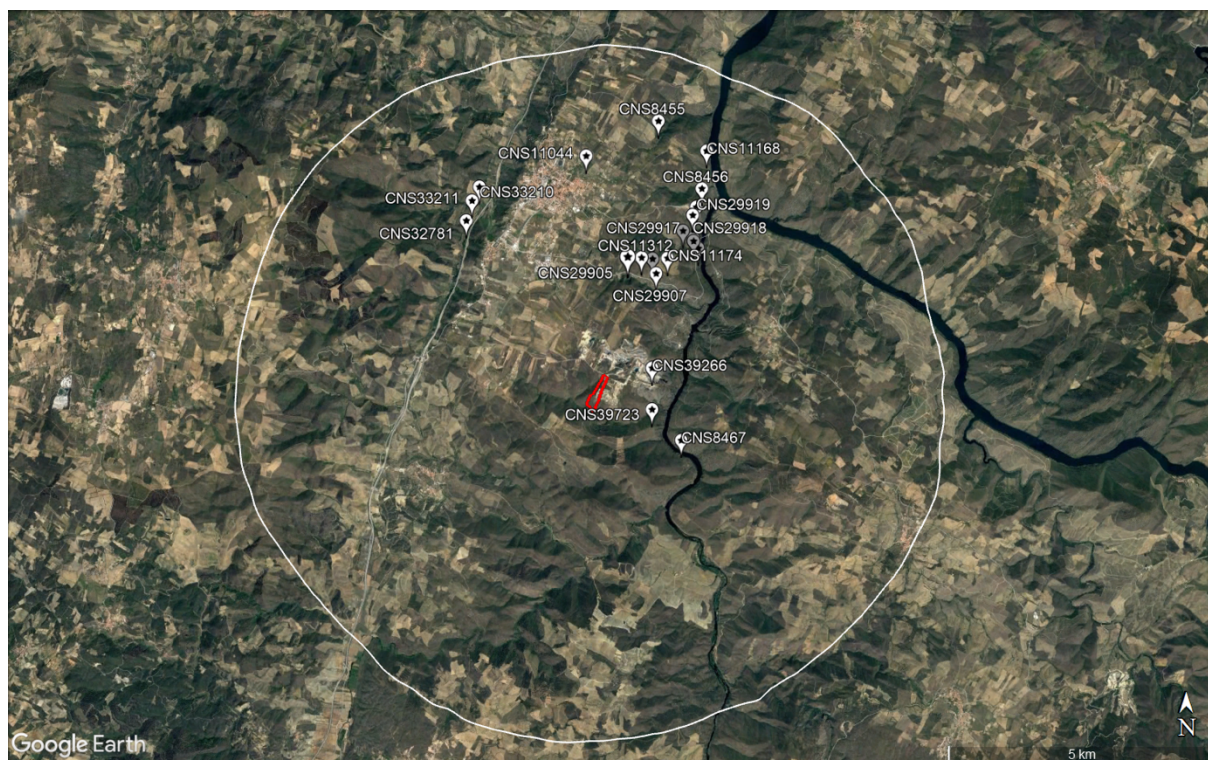


Figura 61: Fotografia aérea com marcação dos sítios arqueológicos geograficamente identificados e referenciados pela DGPC na envolvente do projeto. O polígono vermelho identifica a Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”.

No âmbito da Avaliação de Impacte Ambiental foi realizado um estudo do “*Património Arquitectónico, Arqueológico e Etnográfico*” apresentado como anexo técnico do EIA os trabalhos de prospeção arqueológica resultaram na identificação de um (1) sítio de interesse arquitetónico, (1) sítio de interesse etnográfico e um (1) sítio com potencial, sem indícios arqueológicos, localizados fora da área de afetação, mas situados na envolvente circundante (*vide* Tabela 12, Figura 63 e Figura 64).

Tabela 12: Características dos sítios arqueológico, etnográfico e potencial identificados na envolvente à área a licenciar na prospeção arqueológica.

Sítio arqueológico	
Muros de socalco	Foram assinalados diversos muros de socalco por toda a encosta meridional do empreendimento, dispostos no sentido leste/oeste, transversais ao declive. São muros de suporte de terras para criar pequenos terraços artificiais na encosta, com cadências de cerca de 10 a 15 m de distância uns dos outros. São igualmente identificados muros no sentido norte/sul, paralelos à linha de declive, que delimitam as propriedades. Estes muros foram feitos com uma técnica construtiva baseada em pequenas placas de xisto, de tamanho médio ou grande, dispostas de forma transversal à face, com o lado menor virado para o exterior, que travam outras que são colocadas paralelamente. Estes elementos de alvenaria, colocados nos muros, não parecem revelar um afeiçoamento prévio, mas simplesmente foram retirados do terreno e reutilizados. Alguns muros têm um paramento facial bem marcado e podem atingir cerca de 1,5 m de altura, enquanto outros são de pior construção, com menor cuidado na definição da face, não estando bem conservados, porque sofreram desmoronamentos. Foram frequentes os fragmentos de xisto onde se identificaram pequenos sulcos ou traços gravados na superfície, com pouca profundidade, alguns com uma cor diferenciada da cor facial da pedra, que serão mais recentes, mas foram assinalados outros com sulcos de maior profundidade e com uma patine já mais escurecida e envelhecida, denotando alguma antiguidade. Estes pedaços de xisto com traços, são exemplares muito pontuais que se repetem, em quase todos os muros, onde encontramos pelo menos uma ou duas pedras com esses traços. Estas peças poderiam, eventualmente, tratar-se de antigos painéis de arte rupestre pré-histórica, partidos e reutilizados nos muros, ou então apenas marcas do uso, causadas pelo picar da pedra ou provocados pelos arados no solo, onde se encontravam primitivamente. (Figura 63)
Sítio etnográfico	
Talude de terra e lascas de xisto	Identificado no limite da encosta meridional do empreendimento, junto à ribeira. Não é uma ocorrência clara e fácil de descrever. Corresponde a um talude de terra e lascas de xisto com cerca de 2,5 m de espessura, disposto no sentido norte/sul, transversal ao curso de água, que se encontra interrompido e destruído a sul, junto à ribeira. A construção tem início a poucos 10 m de distância (para norte) e desaparece junto ao curso de água, não se prolongando para o lado contrário. Por isso, existe alguma dificuldade em classificar esta construção como um paredão de uma represa de água para conduzir a água para algum moinho, para alguma habitação ou apenas para rega. Trata-se de uma estrutura artificial e de fabrico humano, provavelmente não muito antiga, sendo um testemunho da primitiva atividade agrícola neste Vale de Videiro. Esta estrutura terá sido destruída com o tempo, com a erosão e com alguma enxurrada fluvial, não tendo ficado preservada, encontrando-se em avançado estado de ruína, coberta parcialmente de mato. (Figura 64)
Sítio com potencial, sem indícios arqueológicos	
Afloramento de xisto de grande envergadura	Na prospeção do vale que constitui o limite meridional do empreendimento, à cota da ribeira de Vale de Videiro, onde poderia haver painéis de xisto com gravuras, foi identificado um afloramento de xisto de grande envergadura, que reunia condições para conter gravuras. O penedo tem 3 m de altura e uma largura de 4 m, mas na observação atenta das faces da superfície xistosa, não foram identificados quaisquer indícios de representações artísticas da Pré-história. (Figura 64)



Figura 62: Localização das ocorrências identificadas no interior dos limites da área de estudo.

Os muros em socalco, nesta encosta, aparentam ser apenas a meras soluções de retenção de terra e criação de plataformas artificiais para cultivo agrícola e plantação de oliveiras, dado que não apresentam uma coerência e ordenamento próprio das vinhas, mas antes soluções pontuais e de acordo com necessidades específicas, ao sabor da inclinação das vertentes e da irregularidade topográfica. São muros de pouca extensão, interrompidos e não paralelos. Há até muros de maior extensão, perpendiculares ao terreno, de mera divisão de propriedade.



Figura 63: Muros de socalco feitos de placas de xisto, existentes na encosta meridional.

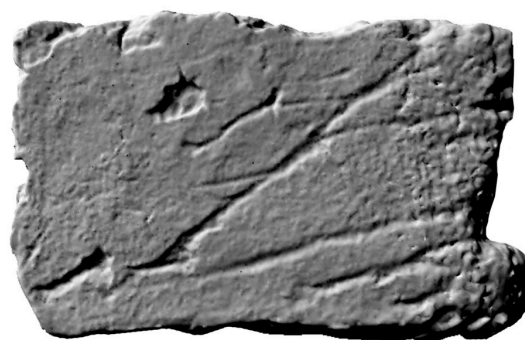




Figura 64: Pedras com traços gravados, penedo de xisto e talude de terra e pedras no vale da linha de água.

6.2.6.2 Património Classificado ou em vias de classificação

Na base de dados da DGPC (<http://www.patrimoniocultural.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/>), relativamente ao concelho de Vila Nova de Foz Côa, de um total de 21 registos, 20 elementos patrimoniais encontram-se classificados e 1 encontra-se com procedimento encerrado/arquivado sem proteção legal (*vide* Tabela 13). Na Tabela 13 e Figura 65 é apresentada a localização dos locais considerados como Património Classificado no concelho de Vila Nova de Foz Côa na área envolvente à Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”. O Pelourinho de Muxagata é o local considerado como Património Classificado mais próximos da Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”, distando cerca de 3,1 km.

Tabela 13: Património classificado ou sem proteção legal registado na base de dados da DGPC, relativos ao concelho de Vila Nova de Foz Côa.

Designação	Situação Atual	Categoria de Proteção	Categoria / tipologia
Igreja matriz de Vila Nova de Foz Côa	Classificado	Classificado como MN - Monumento Nacional	Arquitetura Religiosa / Igreja
Castelo de Numão	Classificado	Classificado como MN - Monumento Nacional	Arquitetura Militar / Castelo
Pelourinho de Foz Côa	Classificado	Classificado como MN - Monumento Nacional	Arquitetura Civil / Pelourinho
Capela de Nossa Senhora da Conceição	Classificado	Classificado como IM - Interesse Municipal	Arquitetura Religiosa / Capela
Casa dos Caldeira	Procedimento encerrado / arquivado - sem proteção legal	Não aplicável	Arquitetura Civil / Casa
Solar dos Donas Botto Pinto, também designado Casa de	Classificado	Classificado como MIP - Monumento de Interesse	Arquitetura Civil / Conjunto

Designação	Situação Atual	Categoria de Proteção	Categoria / tipologia
João Marçal		Público	
Pelourinho de Touça	Classificado	Classificado como IIP - Imóvel de Interesse Público	Arquitetura Civil / Pelourinho
Pelourinho de Muxagata	Classificado	Classificado como IIP - Imóvel de Interesse Público	Arquitetura Civil / Pelourinho
Pelourinho de Horta	Classificado	Classificado como IIP - Imóvel de Interesse Público	Arquitetura Civil / Pelourinho
Casa de Almendra	Classificado	Classificado como IIP - Imóvel de Interesse Público	Arquitetura Civil / Solar
Igreja Matriz de Almendra	Classificado	Classificado como IIP - Imóvel de Interesse Público	Arquitetura Religiosa / Igreja
Pelourinho de Almendra	Classificado	Classificado como IIP - Imóvel de Interesse Público	Arquitetura Civil / Pelourinho
Ponte sobre a ribeira de Teja	Classificado	Classificado como IIP - Imóvel de Interesse Público	Arquitetura Civil / Ponte
Casa Grande de Freixo de Numão	Classificado	Classificado como IIP - Imóvel de Interesse Público	Arquitetura Civil / Casa
Pelourinho de Freixo de Numão	Classificado	Classificado como IIP - Imóvel de Interesse Público	Arquitetura Civil / Pelourinho
Castelo de Castelo Melhor	Classificado	Classificado como IIP - Imóvel de Interesse Público	Arquitetura Militar / Castelo
Casa de Nossa Senhora da Conceição	Classificado	Classificado como IIP - Imóvel de Interesse Público	Arquitetura Civil / Casa
Pelourinho de Cedovim	Classificado	Classificado como IIP - Imóvel de Interesse Público	Arquitetura Civil / Pelourinho
Castelo Velho de Freixo de Numão	Classificado	Classificado como SIP - Sítio de Interesse Público	Arqueologia / Castelo
Casa Vermelha	Classificado	Classificado como IM - Interesse Municipal	Arquitetura Civil / Casa
Sítio arqueológico Castanheiro do Vento	Classificado	Classificado como SIP - Sítio de Interesse Público	Arqueologia / Sítio Arqueológico

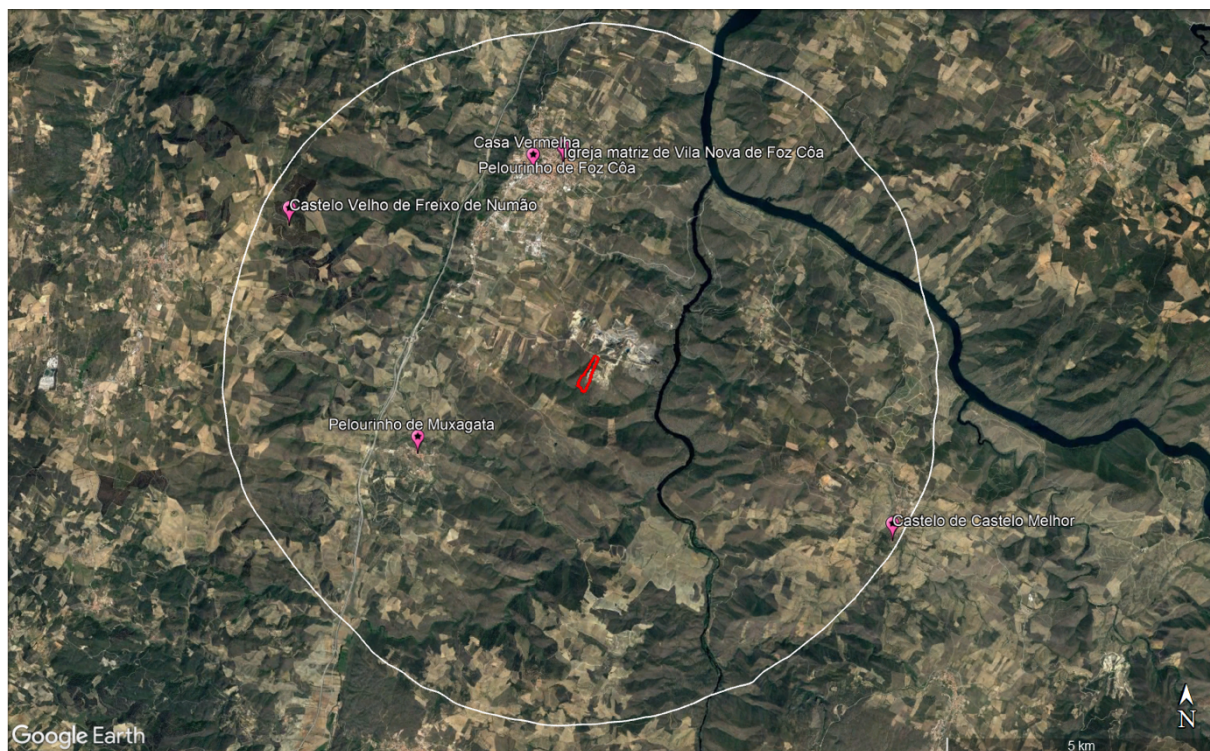


Figura 65: Fotografia aérea com marcação dos locais referenciados como Património Classificado no concelho de Vila Nova de Foz Côa, existentes na envolvente da Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”. A linha branca indica um buffer 6 km.

O Conjunto dos Sítios Arqueológicos no Vale do Rio Côa é constituído por 12 núcleos, *vide* Tabela 14.

Tabela 14: Conjunto dos Sítios Arqueológicos no Vale do Rio Côa.

Sítios Arqueológicos no Vale Do Rio Côa	
Núcleo de Arte Rupestre da Faia/Vale Afonsinho	Estação arqueológica da Quinta de Santa Maria da Ervamoira
Núcleo de Arte Rupestre da Faia	Núcleo de Arte Rupestre da Ribeira de Piscos/Quinta dos Poios
Núcleo de Arte Rupestre da Ribeirinha	Núcleo Arqueológico de Habitat Paleolítico do Salto do Boi/Cardina
Núcleo de Arte Rupestre da Penascosa	Núcleo de Arte Rupestre do Alto da Bulha
Núcleo de Arte Rupestre da Broeira	Núcleo de Arte Rupestre da Canada do Inferno/Rego da Vide
Núcleo de Arte Rupestre da Canada do Amendoal	Núcleo de Arte Rupestre da Foz do Côa
Núcleo de Arte Rupestre da Canada da Moreira	Núcleo de Arte Rupestre do Vale de Cabrões
Núcleo de Arte Rupestre da Fonte Frieira	Núcleo de Arte Rupestre do Vale da Figueira/Teixugo
Núcleo de Arte Rupestre de Meijapão	Núcleo de Arte Rupestre do Vale de José Esteves
Núcleo de Arte Rupestre do Vale do Forno	Núcleo de Arte Rupestre do Vale de Moinhos
Núcleo de Arte Rupestre do Vale das Namoradas	Núcleo de Arte Rupestre da Vermelhosa
Núcleo de Arte Rupestre da Quinta da Barca	Núcleo de Arte Rupestre da Quinta do Fariseu

A área do Projeto não possui nenhum Património Classificado ou em vias de classificação estando, no entanto, muito próximo do Núcleo de Arte Rupestre da Canada do Inferno/Rego da Vide, dos sítios arqueológicos

Canada do Inferno e Vale do Videiro, como referido anteriormente.

6.2.7 MIRADOUROS E VIAS PANORÂMICAS

Os miradouros têm uma grande relevância na ZEP-ADV pois permitem a contemplação da Paisagem duriense. Do miradouro de S. Leonardo o escritor Miguel Torga descreve o Douro como um “excesso de Natureza”, “Diário XII” (S. Leonardo de Galafura, 8 de Abril de 1977):

«O Douro sublimado. O prodígio de uma paisagem que deixa de o ser à força de se desmedir. Não é um panorama que os olhos contemplam: é um excesso de natureza. Socalcos que são passados de homens titânicos a subir as encostas, volumes, cores e modulações que nenhum escultor pintou ou músico podem traduzir, horizontes dilatados para além dos limiares plausíveis de visão. Um universo virginal, como se tivesse acabado de nascer, e já eterno pela harmonia, pela serenidade, pelo silêncio que nem o rio se atreve a quebrar, ora a sumir-se furtivo por detrás dos montes, ora pasmado lá no fundo a reflectir o seu próprio assombro. Um poema geológico. A beleza absoluta».

Ao longo das margens do rio Douro existem vários miradouros sobre o rio e sobre a paisagem vinhateira. Na Figura 66 e na Tabela 15 é apresentada a localização dos miradouros no concelho de Vila Nova de Foz Côa. De nenhum destes miradouros é possível avistar a pedreira.

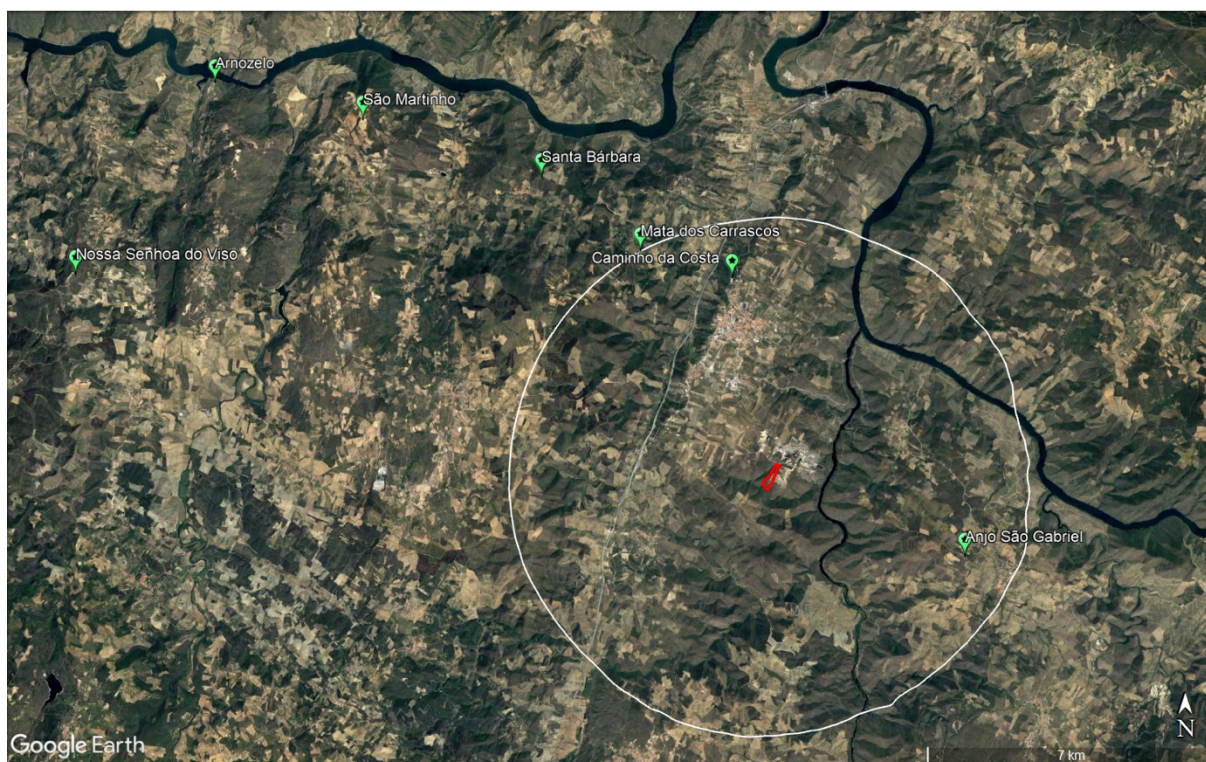


Figura 66: Fotografia aérea com indicação da localização dos miradouros do concelho de Vila Nova de Foz Côa. A linha vermelha indica a localização do Projeto em estudo e a linha branca um buffer de 6 km relativamente à área do projeto.

Tabela 15: Localização dos miradouros do concelho de Vila Nova de Foz Côa.

Designação	Freguesia	Coordenadas (WGS84)	Visibilidade para a Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”
Anjo São Gabriel	Castelo Melhor	41.0326881, -7.0768738	Não
Arnozelo	Numão	41.136359, -7.293891	Não
Caminho da Costa	Caminho da Costa	41.0928775, -7.1424645	Não
Mata dos Carrascos	Santo Amaro	41.0983473, -7.1689916	Não
Nossa Senhora do Viso	Custóias	41.0925986, -7.327199	Não
Santa Bárbara	Mós	41.1146104, -7.1974551	Não
São Martinho	Seixas	41.1260975, -7.247768	Não

As vias panorâmicas sobre a ZEP-ADV têm um valor cultural e turístico elevado pois permitem usufruir da paisagem Duriense. A valorização de vias panorâmicas (rodo-ferroviárias) de elevado valor turístico foi um dos objetivos estratégicos definido no Plano de Desenvolvimento Turístico do Vale do Douro (PDTVD) 2007-2013 (Magalhães R. *et al.*, 2008).

As vias panorâmicas são constituídas essencialmente pelas estradas, nacionais e municipais, classificadas, cujo traçado é sinuoso devido à topografia do território e cuja rede é mais densa na margem direita do que na margem esquerda do rio Douro, e pelo caminho de ferro da Linha do Douro na margem direita do rio Douro. No troço do Rio Côa, entre Castelo Melhor e a foz do Côa com o rio Douro, as principais vias panorâmicas são a N102, N222 e o IP2. Contudo, tendo em consideração a localização da Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”, a existência de vegetação e a topografia da área envolvente à mesma, esta não é visível a partir de nenhum destes acessos.

6.3 ATRIBUTOS NATURAIS DO ADV

6.3.1 GEOMORFOLOGIA COMPLEXA E CUMEADAS RELEVANTES

A paisagem desta região caracteriza-se por um relevo montanhoso, fisiograficamente recortada, alternando entre montes com encostas de declives muito acentuados, vales encaixados e o amplo vale do rio Côa e do rio Douro.

A Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II” não se sobrepõe a cumeadas consideradas relevantes. As cumeadas que se destacam na sua envolvente decorrem evidentemente da própria diversidade orográfica da região que se caracteriza por um relevo ondulado e particularmente sinuoso.

6.3.2 O CLIMA, A PRECIPITAÇÃO REDUZIDA E A ESCASSEZ DE ÁGUA

O rio Douro e os seus afluentes descrevem meandros mais ou menos apertados, consoante os graus de dureza dos xistos e granitos por onde correm.

Apesar das albufeiras das barragens, associadas ao rio Douro e aos seus afluentes, a escassez de água é uma das características desta região em que a natureza da rocha-mãe e os declives acentuados dificultam a infiltração de água no solo.

Embora a precipitação seja reduzida, o clima mediterrânico contribui para otimizar as condições para a produção de vinho, caracterizando-se por ser um clima de extremos, com verões muito quentes e invernos muito frios, dizendo-se na região que, são «nove meses de Inverno e três meses de inferno» (Candidatura do Alto Douro Vinhateiro a Património Mundial, 2000).

6.3.3 A DIVERSIDADE DE HABITATS NATURAIS

A ocupação do solo nesta região organiza-se, em geral, de acordo com um claro zonamento altimétrico, em que nos cabeços mais elevados dominam os matos e povoamentos florestais (matas) e, quando cultivados, encontra-se a oliveira, a que se segue a vinha já a meia encosta, sendo os fundos dos vales essencialmente ocupados por pomares de citrinos e hortas.

Apesar da forte influência humana nesta região e da dominância das culturas mediterrânicas de vinha e olival, é possível observar aqui diversos habitats e espécies com interesse conservacionista. De facto, toda a região do Alto Douro Vinhateiro é rodeada por um conjunto de sítios ao abrigo da Rede Natura 2000, sendo de destacar a Zona Especial de Proteção (ZEP) Vale do Côa onde o projeto se situa.

Para esta região são mencionados vários habitats naturais que merecem atenção, como é o caso de troços de cursos de água com dinâmica natural e seminatural, as respetivas galerias ribeirinhas que lhes estão associadas. A vegetação ripícola, presente ao longo das linhas de água, é também ela caracterizada pela presença de espécies mediterrânicas, como o *Fraxinus angustifolia* (Freixo) o *Alnus glutinosa* (Amieiro) ou os salgueiros (*Salix* sp.).

Ao longo do Douro e da confluência com os seus afluentes ocorrem ainda bosques bem desenvolvidos e bem conservados com *Celtis australis*, *Juniperus oxycedrus*, *Quercus suber*, *Phyllirea angustifolia*, *Acer monspessulanum*, entre outros.

Nas zonas mais elevadas a vegetação é tipicamente mediterrânica ocorrendo manchas de matos pré-florestais diversos, caracterizados pela presença de *Lavandula stoechas* (rosmaninho), *Cytisus multiflorus* (giesta) ou de *Retama spherocarpa* (piorno), com a presença de azinheira, zimbro ou sobreiro (em determinadas zonas com densidades ainda relevantes) evidenciando a presença de habitats naturais em diferentes estádios de sucessão ecológica, mas que se revelam também de excecional importância como zonas de refúgio de biodiversidade e formação e retenção do solo, podendo albergar uma grande diversidade florística bem como espécies com elevado valor de conservação. Aqui ocorrem também povoamentos florestais, sobretudo de pinheiro-bravo, que por vezes originam habitats mistos mais estruturados devido à regeneração natural de sobreiros ou azinheiras.

A área do Projeto integra-se numa região muito importante para a avifauna que reflete a proximidade a duas áreas importantes para as aves (Important Bird Areas), nomeadamente a Zona de Proteção Especial para as

Aves (ZPE) do Douro Internacional e Vale do Águeda (PTZPE0038) e a ZPE do Vale do Côa (PTZPE0039).



Figura 67: Fotografia aérea da área da Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”, delimitada a linha vermelha, limítrofe com a ZEP do Vale do Côa (PTZPE0039) (área a branco) e indicação da ZEP do Douro Internacional e Vale do Águeda (PTZPE0038) (área a roxo).

A ZPE do Vale do Côa (PTZPE0039) é uma área de relevo montanhoso que acompanha a bacia do troço terminal do rio Côa e que se caracteriza pela presença de encostas rochosas e escarpadas que se estendem ao longo do rio Côa e Massueime.

Esta região caracteriza-se pela presença de habitats rupícolas constituídos por escarpas fluviais e afloramentos rochosos, onde se verifica um mosaico variado de habitats agrícolas com formações naturais. Apesar de constituir uma zona maioritariamente desprovida de vegetação natural subsistem diversos enclaves de matos pré-florestais diversos, assim como sobreirais, azinhais e zimbrais. Em termos de ocupação do solo e sendo uma zona iminentemente rural, os principais sectores de atividade são a pastorícia e as culturas de olival, amendoal e vinha, por ordem decrescente de importância (<http://www.icnf.pt/portal/pn/biodiversidade/rn2000/resource/doc/zpe-cont/vcoa>).

A dicotomia paisagística entre “arribas” e planaltos, com a alternância entre zonas com condições particularmente favoráveis ao refúgio e nidificação e zonas onde domina a atividade agropecuária que disponibiliza importantes recursos tróficos, constitui o aspeto mais determinante na riqueza em habitats e espécies de aves nesta área.

Esta ZPE constitui assim uma área importante para a avifauna rupícola, onde se destacam as aves de

características de matos de cariz mediterrânico e aves de habitats pseudo-estepários.

De entre as espécies de aves que ocorrem nesta ZPE é de destacar a população nidificante de britango (*Neophron percnopterus*), que corresponde a um dos mais significativos núcleos do nosso país e também o chasco-preto (*Oenanthe leucura*) que é frequente nas zonas mais áridas desta ZPE. A área assume igualmente relevância para aves de rapina florestais como o milhafre-real (*Milvus milvus*), águia-calçada (*Hieraaetus pennatus*) e a águia-cobreira (*Circaetus gallicus*), assim como para a águia-real (*Aquila chrysaetos*), grifo (*Gyps fulvus*) e águia-de-Bonelli (*Hieraaetus fasciatus*). A grande extensão de matos proporciona a ocorrência de uma certa abundância de diversos passeriformes como a toutinegra-tomilheira (*Sylvia conspicillata*), a toutinegra-de-bigodes (*Sylvia cantillans*), a toutinegra-dos-valados (*Sylvia melanocephala*) ou a toutinegra-real (*Sylvia hortensis*) (<http://www.icnf.pt/portal/pn/biodiversidade/rn2000/resource/doc/zpe-cont/vcoa>).

Para a área de estudo verifica-se que a diversidade de aves registada é relativamente elevada. Em termos de riqueza de espécies e em termos de abundâncias relativas, verifica-se que a zona envolvente à pedreira é mais diversificada especialmente devido à presença dos biótopos agrícola com pastagens e espaços naturais e matos com folhosas e resinosas dispersas que proporcionam locais de alimento e de refúgio.

Em termos florísticos, os matos com dominância de piorno e a presença de azinheira (em determinadas zonas com densidades ainda relevantes) evidenciam a presença de habitats naturais em diferentes estádios de sucessão ecológica, mas que se revelam também de excecional importância como zonas de refúgio de biodiversidade e formação e retenção do solo, podendo albergar uma grande diversidade florística bem como espécies com elevado valor de conservação.

De referir que no interior da Pedreira ocorrem pontualmente zonas com água de escorrência, de carácter temporário e dependente do plano de lavra da própria Pedreira resultantes da acumulação de água nos patamares de extração.

6.3.4 CULTURAS MEDITERRÂNICAS: A VINHA, A OLIVEIRA E A AMENDOIRA

A paisagem duriense é indissociável de um notável aproveitamento dos recursos naturais, nomeadamente do solo e do clima, muito vantajosos para a cultura da vinha, sendo na região do Douro Vinhateiro que este carácter se manifesta mais forte.

A cultura que melhor define o carácter da paisagem duriense é a vinha, mas também outras culturas como o olival, o amendoal, os laranjais e as hortícolas próximo das habitações.

Na área de implementação da Pedreira, que se situa numa zona já mais elevada e afastada do vale do rio Douro, o clima mais seco e as condições do solo determinam a dominância de áreas de matos. Quanto às culturas agrícolas são frequentes zonas de pastagens seminaturais, olivais, amendoais e pequenas vinhas.

A vegetação ripícola, onde ocorre, é também ela caracterizada pela presença de espécies mediterrânicas, como o freixo e o amieiro) ou o salgueiro.

6.3.5 PATRIMÓNIO GEOLÓGICO

As características geológicas do ADV são fundamentais na modelação da paisagem. O xisto e as intrusões graníticas, as escarpas rochosas e os vales encaixados são elementos caracterizadores da paisagem.

Para o concelho de Vila Nova de Foz Côa estão referenciados 2 locais com interesse geológico ou geomorfológico, de acordo com a base de dados disponível na página de internet “Património Geológico de Portugal - Inventário de geossítios de relevância nacional” (<https://geossitios.progeo.pt/geosites>) (vide Tabela 16. Como já referido o projeto localiza-se e integra as Pedreiras dos Xistos do Poio (vide Figura 68).

Tabela 16: Locais de interesse geológico ou geomorfológico, registados na base de dados “Património Geológico de Portugal - Inventário de geossítios de relevância nacional” (<https://geossitios.progeo.pt/geosites>), relativos ao concelho de Vila Nova de Foz Côa.

Designação	Categoria Temática	Justificação do Valor Científico
Pedreiras dos Xistos do Poio	Transversal à zona de cisalhamento varisco em Portugal	Bom exemplo da sedimentação flyschóide profunda associada ao Paleozóico inferior do autóctone da zona Centro-Ibérica (https://geossitios.progeo.pt/geosites/pedreiras-dos-xistos-do-poio).
Quinta do Vale Meão	Neotectónica em Portugal continental	Único afloramento acessível onde se observam sedimentos quaternários afetados pela FMVB, constituindo evidência de atividade neotectónica nesta estrutura, afloramento na extremidade meridional da bacia tectónica da Vilaria onde se observa contacto por falha entre granitos muito cisalhados, a oeste, com um depósito de terraço fluvial do rio Douro, a leste (https://geossitios.progeo.pt/geosites/quinta-do-vale-meao).



Figura 68: Fotografia aérea da área da Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”, delimitada a linha vermelha, e indicação aproximada dos 2 locais com interesse geológico ou geomorfológico no concelho de Vila Nova de Foz Côa.

6.3.6 O RIO DOURO E OS SEUS AFLUENTES

O rio Douro e os seus afluentes, as albufeiras das barragens e os imensos espelhos de água por elas criados são marcantes na paisagem do ADV, contribuindo para a fragmentação e para o enriquecimento do mosaico paisagístico da região.

O projeto localiza-se a cerca de 4 km a sudoeste do rio Douro e inserida na ZEP-ADV. Os afluentes do rio Douro mais próximos do projeto são o rio Côa (localizado a cerca de 1,3 km a este), desenvolvendo-se no sentido S-N, sob influência do Rio Douro, onde desagua.

6.3.7 O EFÊMERO DA PAISAGEM: LUZ E COR, SOM E SILÊNCIO E OS CHEIROS

O contraste cromático entre os solos de xisto e o verde da vegetação, as amendoeiras em flor, as folhas das vinhas no outono, a luz sobre os cursos de água, o som, o silêncio e os cheiros são elementos que caracterizam e imortalizam esta paisagem de singular beleza.

Todo o conjunto paisagístico que caracteriza o Alto Douro Vinhateiro é fortemente valorizado pela riqueza sensitiva, onde se salienta o cromatismo associado às áreas agrícolas e à superfície de água do Douro.

Ao longo do dia verificam-se transformações fortemente dependentes das variações climatéricas, nomeadamente neblinas matinais sobre o rio, que no decorrer da manhã vão deixando passar os primeiros raios de um sol intenso.

Ao longo do ano, outras mutações ocorrem associadas aos ciclos vegetativos, onde se faz sentir a diferente duração e intensidade da luz e a alternância cromática das culturas, nomeadamente da vinha - *desde o inverno sem folhas em que sobressaem as cores dos solos xistosos, à primavera e verão em que domina o verde, até ao outono em que adquire impressionantes tonalidades quentes e douradas, onde sobressaem os tons vermelhos, castanhos e laranja - e das amendoeiras (com a sua admirável floração no início da primavera)* (Cancela d'Abreu *et al.*, 2004).

Apesar do domínio quase absoluto da vinha, a paisagem do Douro Vinhateiro tem uma clara diversidade cromática, criada pelo contraste das encostas verdes com o espelho de água e com os matos e florestas das áreas mais elevadas, e pelo confronto da vinha com os muros de pedra ou o salpicado branco do casario no meio dos espaços cultivados.

Outra característica sensorial essencial destas paisagens é o silêncio (Bianchi de Aguiar *et al.*, 2000).

6.4 AVALIAÇÃO DE IMPACTES

A avaliação de impactes foi elaborada através da quantificação da afetação física dos atributos Culturais e Naturais que conferem VUE ao ADV afetados pela implementação do projeto. Na Figura 69 e na Figura 70, respetivamente, são apresentados os usos do solo e identificados os atributos culturais na envolvente ao Projeto.

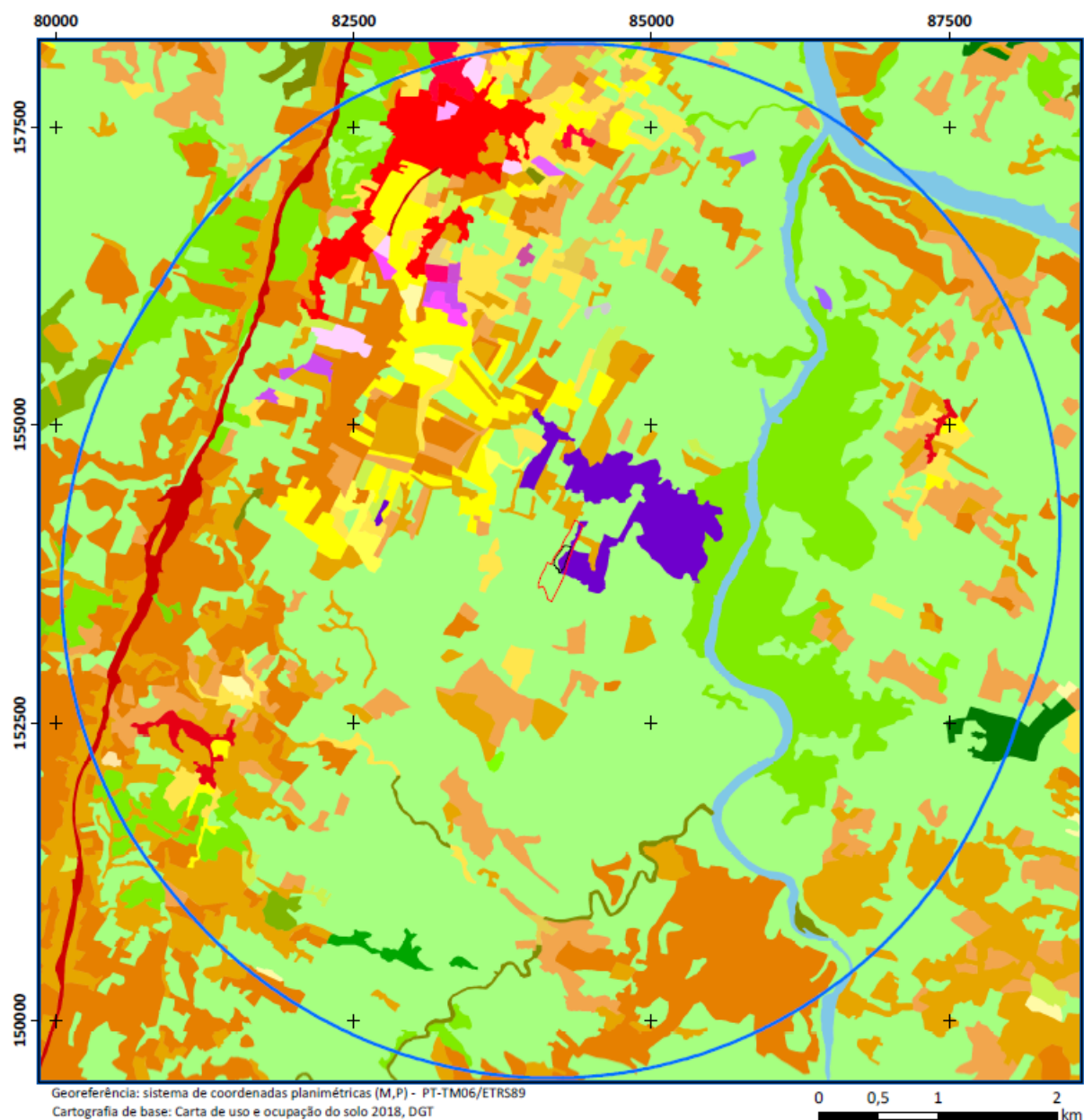




Figura 69: Extrato da cartografia do Uso do Solo COS 2018 na área da pedreira e sua envolvente.

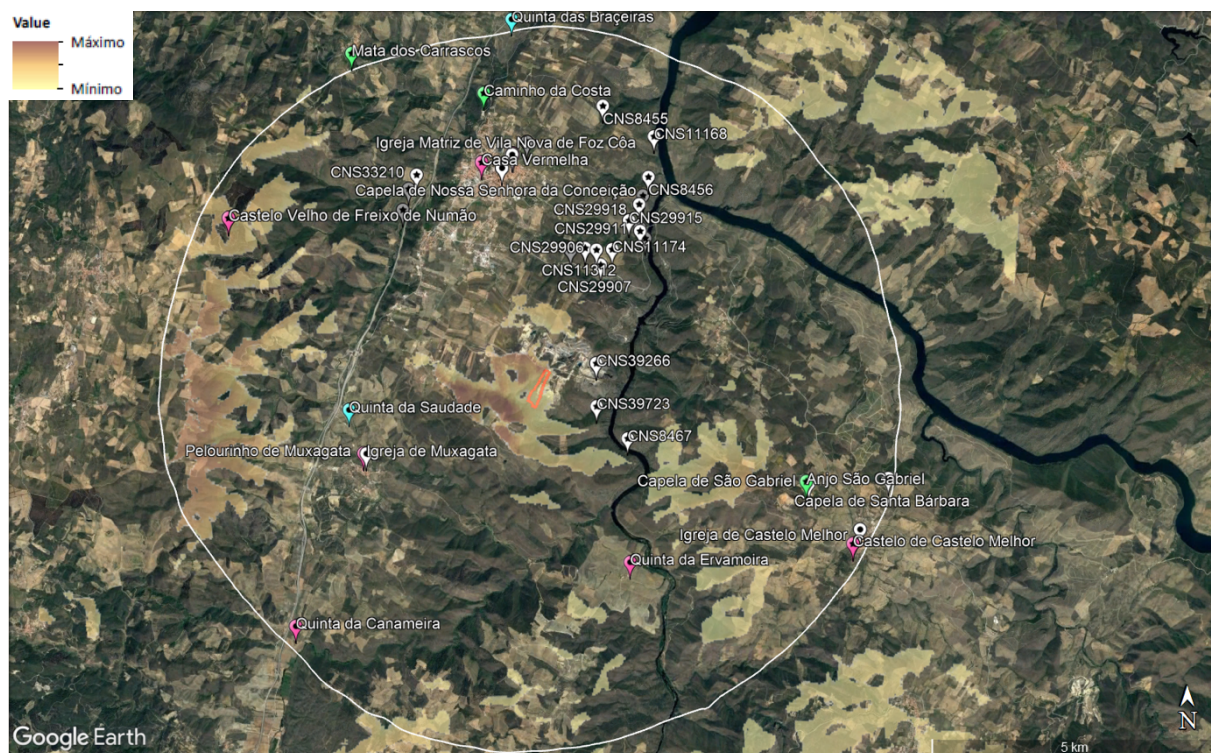
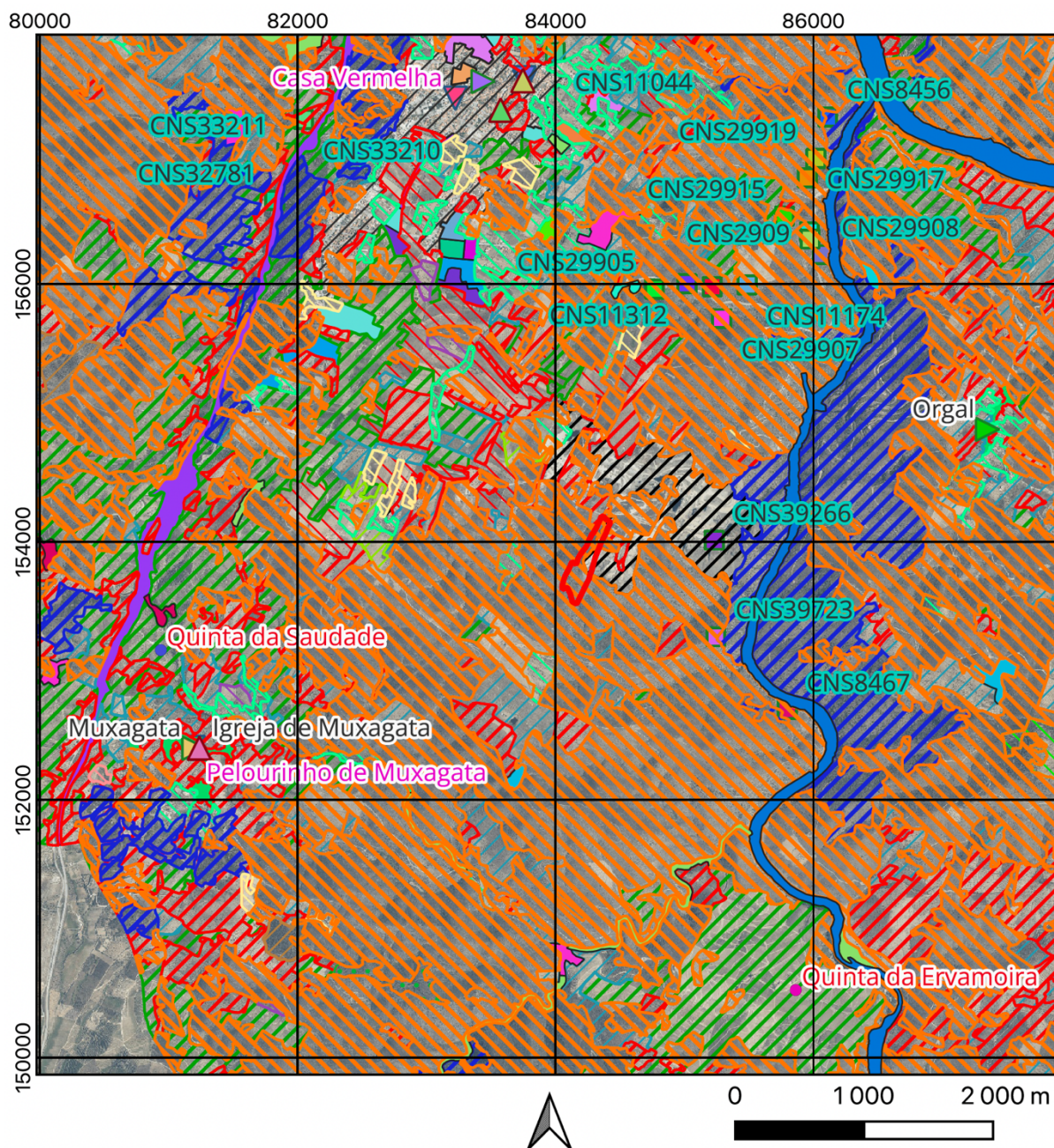
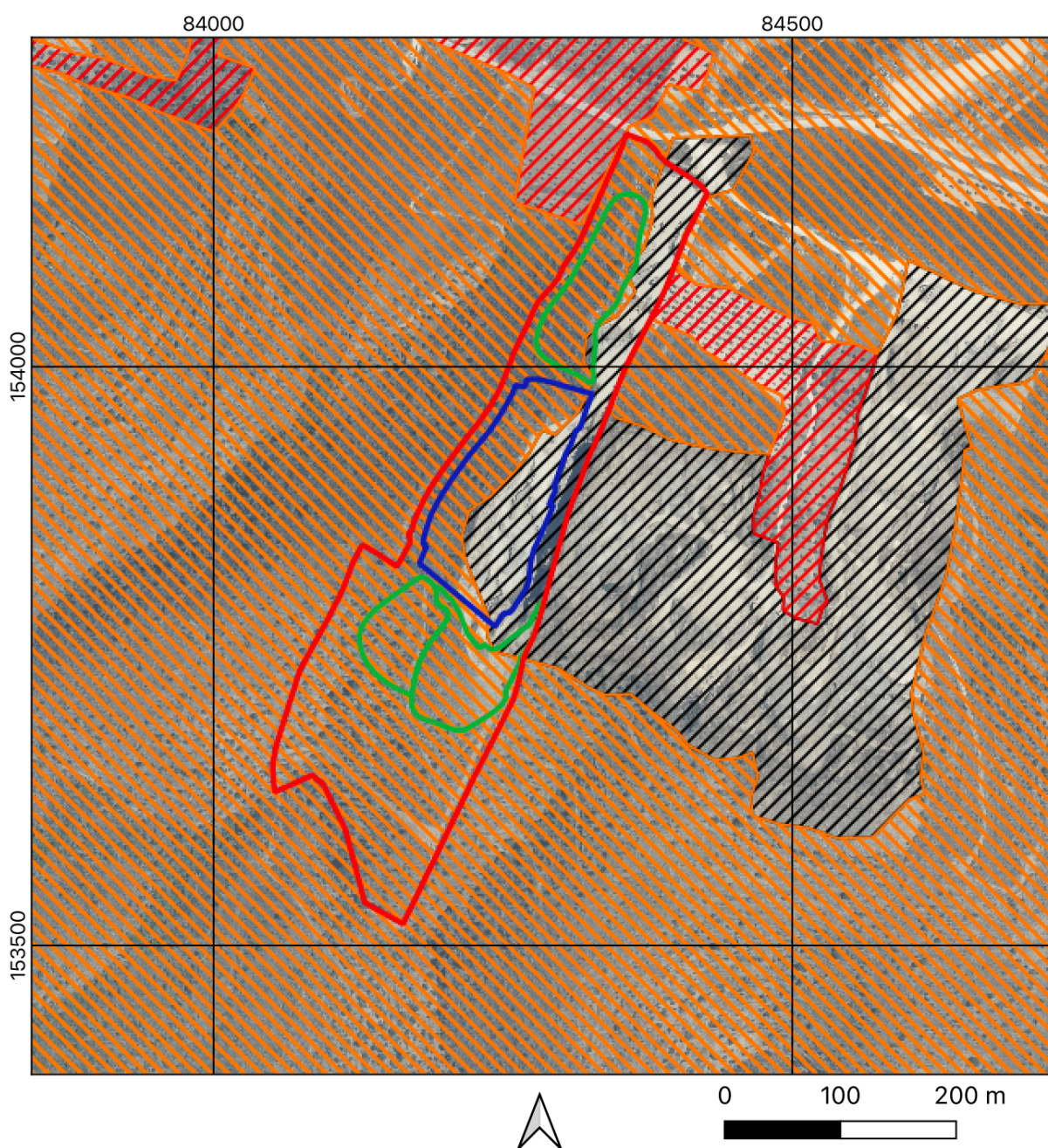


Figura 70: Identificação dos atributos culturais na envolvente ao Projeto.

Na Figura 71 são apresentados ortofotomapa com identificação dos elementos naturais e culturais que conferem VUE ao ADV existentes na área envolvente e na pedreira a licenciar. A área a licenciar afeta manchas ocupadas por matos não afetando outros elementos naturais ou culturais que conferem VUE ao ADV.





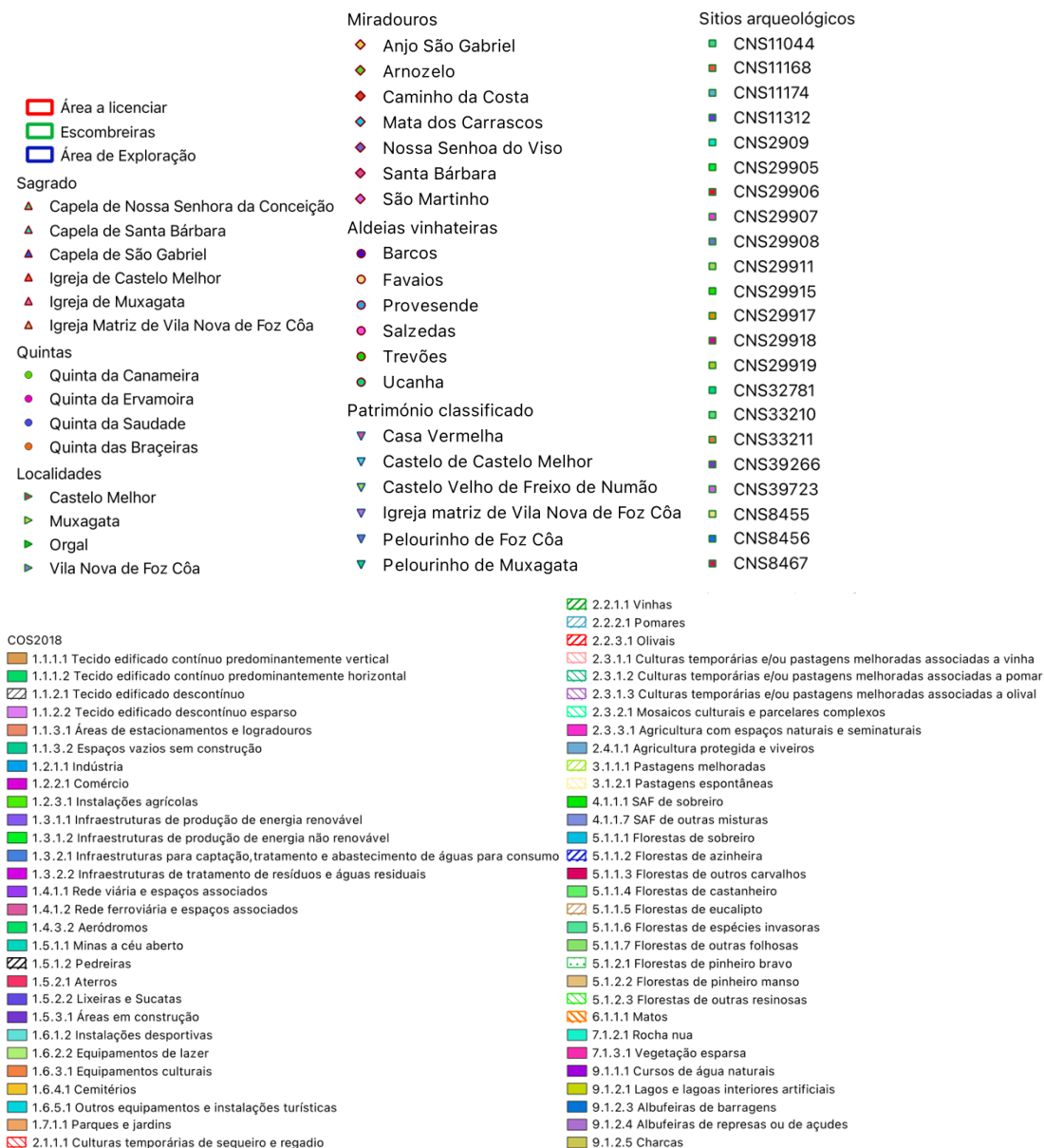


Figura 71: Ortofotomapa com identificação dos elementos naturais e culturais que conferem VUE ao ADV existentes na área envolvente à Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”.

Na Tabela 13 é apresentada a quantificação dos atributos Culturais e Naturais que conferem VUE ao ADV afetados pela implementação do projeto.

Tabela 13: Quantificação dos atributos Culturais e Naturais que conferem VUE ao ADV afetados pela implementação do projeto.

Valores	Culturais	
Atributos que conferem VUE	O padrão da paisagem (a dominância da vinha alternando com matos mediterrânicos)	Não afetado
	As povoações e as quintas	Visível da localidade de Orgal
	O sagrado	Não afetado
	A acessibilidade	Não afetado
	Os terraços, os muros em xisto e as diferentes tipologias do plantio da vinha	Não afetado
Outros componentes ou atributos patrimoniais	Património cultural, arqueológico, arquitetónico e etnológico	Não afetado
	Miradouros e vias panorâmicas	Não afetado
Valores	Naturais	
Atributos que conferem VUE	A geomorfologia complexa, a escassez de solo fértil e cumeadas relevantes	- Afeta a geomorfologia na área a licenciar - É potencialmente visível de cumeadas relevantes
	A diversidade de habitats naturais, particularmente os matos, matas e galerias ripícolas	Afeta manchas ocupadas por matos
	Culturas mediterrânicas: a vinha, a oliveira e a amendoeira	Afeta área com amendoeiras dispersas
	O clima, a precipitação reduzida e a escassez de água	Não quantificável
	O rio Douro e os seus afluentes	Não afetado
	O efémero da paisagem: luz e cor, som e silêncio e os cheiros	Não quantificável
	Zonas de Proteção Especial – Rede Natura 2000	Inserido na ZEP do Vale do Côa
Outros componentes ou atributos patrimoniais	Património geológico - geossítios	Inserido no geossítio Pedreiras dos Xistos do Poio

A área a licenciar possui 6,2 ha ocupados por matos dos quais 0,82 ha serão afetados pela área da corta (área a explorar) e cerca de 1,8 ha serão afetados pelas escombreyras e pargas.

6.4.1 AVALIAÇÃO DE IMPACTE SOBRE OS VALORES CULTURAIS

Na Tabela 14 são apresentados os impactos previstos do projeto sobre os vários atributos culturais que conferem VUE ao ADV.

Tabela 14: Impactes do projeto sobre os vários atributos culturais que conferem VUE ao ADV.

Valores	Culturais	Fase do projeto	Natureza do impacte (benéfico ou adverso)	Magnitude e gravidade do impacte/ alteração	Significado do efeito da alteração
Atributos que conferem VUE	O padrão da paisagem (a dominância da vinha alternando com matos mediterrânicos)	Fases de preparação e de exploração	Neutro	Sem alteração	Neutro
		Após desativação	Positivo	Alteração menor	Moderadamente benéfico
	As povoações e as quintas	Fases de preparação e de exploração	Negativo	Alteração negligenciável	Ligeiramente adverso
		Após desativação	Positivo	Alteração menor	Moderadamente benéfico
	O sagrado	Fases de preparação e de exploração	Negativo	Alteração negligenciável	Ligeiramente adverso
		Após desativação	Positivo	Alteração menor	Moderadamente benéfico
	A acessibilidade	Fases de preparação e de exploração	Neutro	Sem alteração	Neutro
		Após desativação	Neutro	Sem alteração	Neutro
	Os terraços, os muros em xisto e as diferentes tipologias do plantio da vinha	Fases de preparação e de exploração	Positivo	Alteração menor	Moderadamente benéfico
		Após desativação	Neutro	Sem alteração	Neutro
Outros componentes ou atributos patrimoniais	Património cultural, arqueológico, arquitetónico e etnológico	Fases de preparação e de exploração	Neutro	Sem alteração	Neutro
		Após desativação	Positivo	Alteração menor	Moderadamente benéfico
	Miradouros e vias panorâmicas	Fases de preparação e de exploração	Negativo	Alteração negligenciável	Ligeiramente adverso
		Após desativação	Positivo	Alteração moderada	Moderadamente benéfico

6.4.1.1 Padrão da paisagem (a dominância da vinha alternando com matos mediterrânicos)

O padrão da paisagem no ADV é marcado pelas culturas permanentes de vinha, olival e amendoal, lado a lado com extensas manchas de matos mediterrânicos e pontualmente com alguns pomares com citrinos e figueiras. Na área envolvente à Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”, no padrão da paisagem sobressaem as áreas de mato, áreas seminaturais com pastagens e zonas agrícolas em pousio, com regeneração natural de matos baixos e herbáceas anuais e com olivais, vinhas e amendoais.

Este padrão paisagístico é recortado pelo rio Côa e pelas linhas de água que lhe estão associadas, pelos seus enclaves, meandros e vales mais ou menos encaixados.

A presença física da pedreira tem um impacte visual negativo para quem está localizado nas áreas agrícolas,

ou caminhos de acesso às mesmas, a partir das quais é possível avistar a área da pedreira. Considera-se o impacto pouco significativo, pois devido à localização da pedreira, à topografia do terreno e à existência de coberto vegetal na envolvente da pedreira, são poucas as áreas de onde esta é possível ser avistada.

O PARP prevê que recuperação evoluirá durante toda a vida útil da pedreira, contudo é possível especificar as seguintes fases:

- Fase 1 (3 anos). Plantação de oliveira no limite da exploração
- Fase 2 (3 aos 6 anos). Recuperação da área correspondente à recuperação da zona de defesa com o prédio rústico vizinho e plantação de oliveiras.
- Fase 3 (7 aos 9 anos). Recuperação, por sementeira, da área correspondente à recuperação da zona de defesa com o prédio rústico vizinho e plantação de oliveiras
- Fase 4 (10 aos 21 anos). Sementeira da área do aterro a Sul, que não será mais utilizado.
- Fase final (22 aos 40 anos). Corresponde às ações de modelação final do terreno, com recuperação adocamento dos taludes da exploração, espalhamento de terras de cobertura e sementeira das áreas identificadas (áreas de exploração e de aterro) e plantação de Amendoeira (*vide* Figura 72).



Figura 72: PARP - Plantação/Sementeira Fase Final (40 anos).

6.4.1.2 Povoações e Quintas

Na envolvente próxima da Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II” não existem Aldeias Vinhateiras, localizando-se a mais próxima a cerca de 25 km, localidade de Trevões (*vide* Figura 37), da qual não é possível avistar a Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”.

Na envolvente à Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II” verifica-se que o número de povoações é reduzido. Considerando um raio (buffer) de 6 km de distância, relativamente à pedreira verifica-se a existência de 4 povoações (*vide* Figura 38).

A Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II” apenas é potencialmente visível a partir da localidade de Orgal, a sua visibilidade poderá encontrar-se condicionada devido à cobertura vegetal e arbórea, ao edificado das zonas populacionais e, sobretudo, devido à topografia da região. Pelos mesmos motivos enunciados atrás, e por se encontrar numa zona de declives acentuados, terrenos com bastantes dobramentos, de festos e talwegues bem marcados a visibilidade da pedreira a partir da maioria das localidades existentes num raio de 6 km é nula ou bastante reduzida.

Na área envolvente próxima à Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”, não se verifica a existência de Quintas relevantes em termos de Património, encontrando-se a mais próxima a cerca de 3,2 km a oeste, Quinta da Saudade. Num área mais alargada, considerando um raio (buffer) de 6 km, verifica-se a existência de 4 quintas (*vide*  e Figura 58). Devido à localização das quintas (próximas do rio Douro), à topografia do terreno e ao coberto vegetal existente na envolvente da pedreira, não é possível avistar a Pedreira N.º 6637 “Vale de Videiro II” a partir de nenhuma das Quintas identificadas. Na Figura 73 é apresentado o mapa de visibilidade sobreposto pela localização das Quintas identificadas em um raio de 6 km em redor da pedreira.

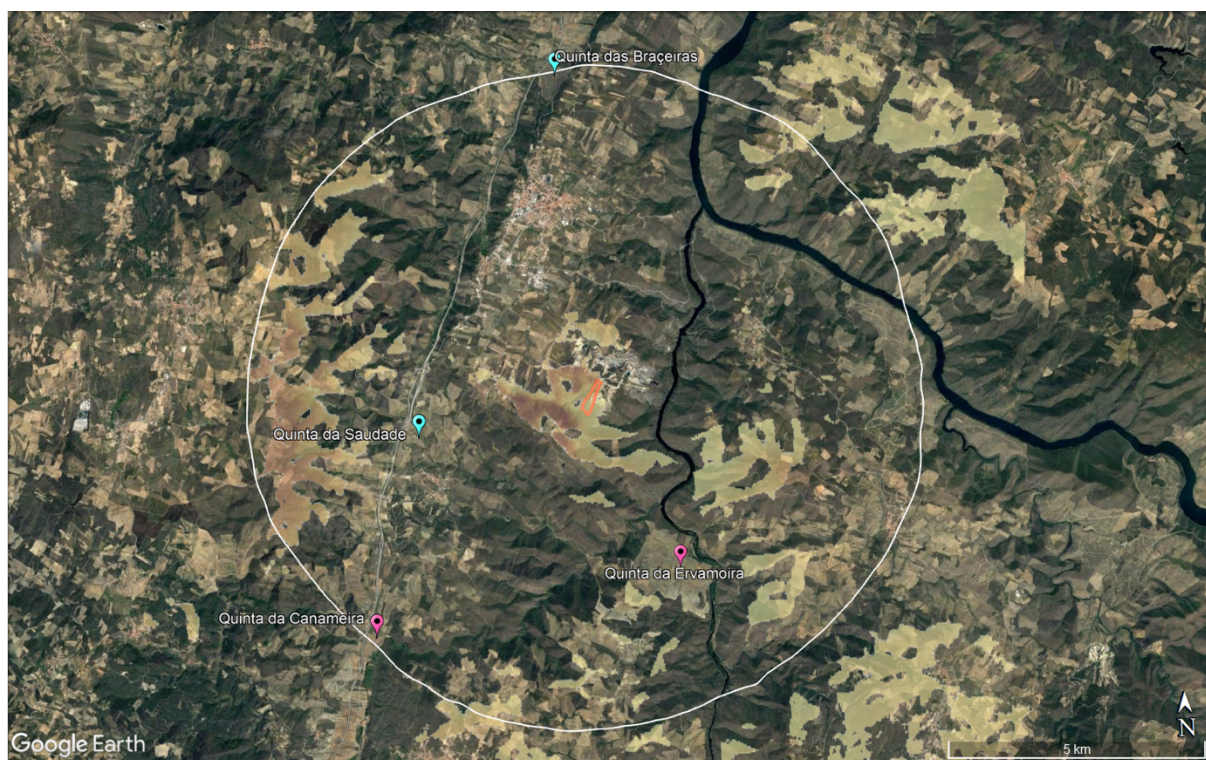


Figura 73: Visibilidade a partir das Quintas, localizadas na área envolvente, para a Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”.

6.4.1.3 O sagrado

Alguns dos locais religiosos são muito antigos e muitos, por se localizarem em zonas mais altas, são pontos de observação da paisagem excepcionais. Na área de estudo (área da pedreira a licenciar e *buffer* de 6km na área envolvente) salientam-se a Igreja Matriz de Vila Nova de Foz Côa e a Capela de Nossa Senhora da Conceição por estarem indicadas como Património Classificado pela CIMDOURO. De nenhuma destas capelas ou igrejas existe visibilidade para a área da pedreira, *vide* Figura 74.

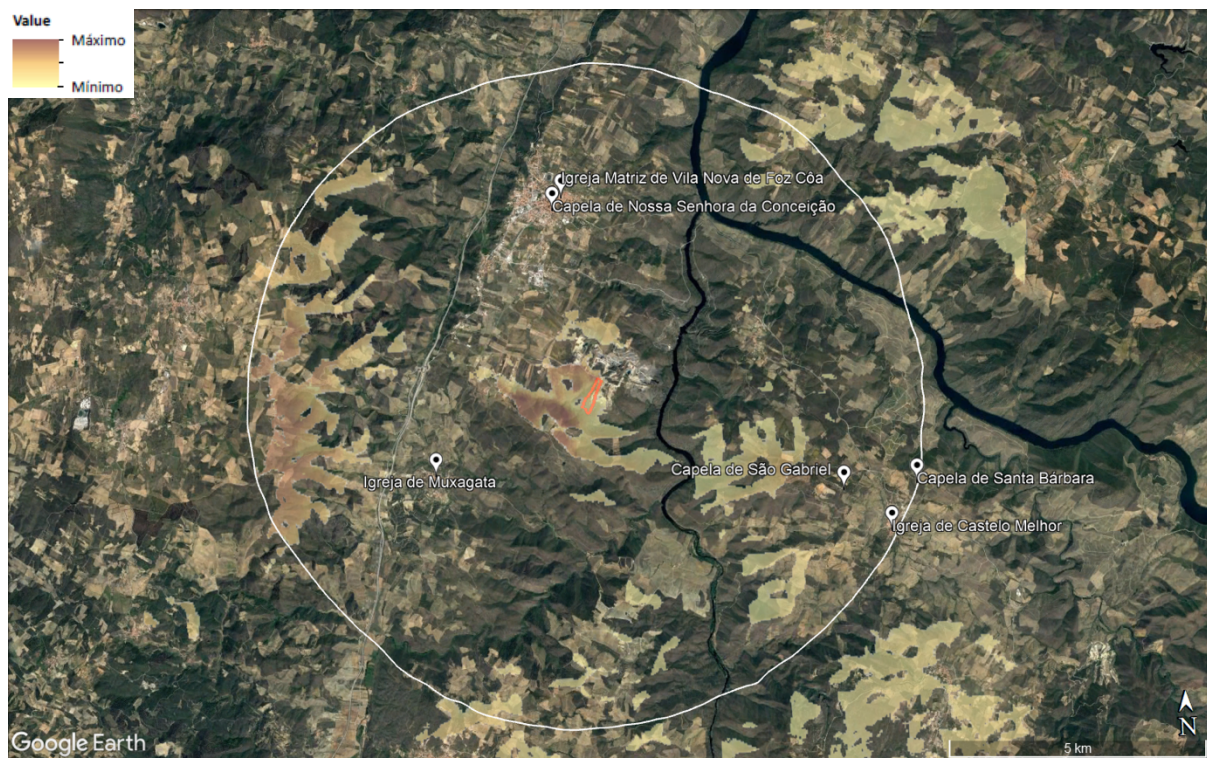


Figura 74: Visibilidade a partir das Capelas e Igrejas, localizadas na área envolvente, para a Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”.

6.4.1.4 A acessibilidade – a navegabilidade do rio Douro, o caminho-de-ferro e as rodovias

Não se preveem alterações na navegabilidade do Douro nem na linha férrea. Quanto à rede viária, se por um lado se pode verificar a degradação por sobrecarga de uso, nomeadamente pelos veículos de transporte dos produtos resultantes da atividade extrativa, por outro lado, é importante também referir que são as atividades económicas que muitas vezes impulsionam a melhoria e até a construção de novas vias de acesso. Neste sentido não se preveem alterações significativas neste atributo.

6.4.1.5 Os terraços e os muros em xisto e as diferentes tipologias de plantio da vinha

Na área de estudo, particularmente nas vertentes mais próximas do rio Douro, a norte da área a licenciar da Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”, os terraços suportados por muros de xisto encontram-se ainda bem presentes, especialmente na divisão de terrenos, em alguns mortórios e nas áreas de vinha com sistema de armação do terreno em socalcos.

No entanto, a presença física do Núcleo das Pedreiras do Poio, onde está incluída a pedreira em estudo tem um impacto visual negativo para quem está localizado em algumas vinhas da região, a partir das quais é

possível avistar o Núcleo das Pedreiras do Poio. Ainda assim, considera-se que este impacte é pouco significativo pois, devido à localização da pedreira, à topografia do terreno e à existência de coberto vegetal arbóreo na sua envolvente, são poucas as áreas a partir das quais é possível avistar a pedreira.

6.4.1.6 Património Cultural, Património Arqueológico, Arquitetónico e Etnológico

Como referido, não existe Património Cultural, Património Arqueológico, Arquitetónico e Etnológico, localizado dentro da zona de afetação do projeto. No concelho de Vila Nova de Foz Côa, segundo a informação geográfica disponível na base de dados da DGPC, registam-se 20 elementos patrimoniais classificados. O Pelourinho de Muxagata é o local considerado como Património Classificado mais próximos da Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”, distando cerca de 3,1 km, a partir do qual não há visibilidade para a pedreira em estudo, *vide* Figura 75.

Quanto aos sítios arqueológicos inventariados já conhecidos, verifica-se que a Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II” se encontra próxima dos sítios designados como Pedreira do Poio (CNS 39266) e Texugo (CNS 39723), um de cada lado da ribeira de Vale de Videiro, próximo da foz.

As distâncias dos restantes sítios arqueológicos conhecidos ao projeto não indicam que possam vir a ocorrer afetações diretas e/ou indiretas inerentes ao mesmo, apesar das características da paisagem da área a licenciar da Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”, devido à distância a que se encontra de sítios arqueológicos conhecidos, considera-se que o impacte visual da presença da pedreira representa baixa ou mesmo nula significância para o Património Arqueológico conhecido.

Os potenciais efeitos da atividade sísmica provenientes das pegadas com explosivos sobre os sítios patrimoniais identificados, CNS 8466 (rocha nº41) e CNS 8467 (rocha nº2), é um fator estudado pelo Centro de Geofísica da Universidade de Lisboa em parceria com o Parque Arqueológico do Vale do Côa. Os resultados do estudo de monitorização foram publicados nas atas do III congresso de arqueologia de Trás-os-Montes, Alto Douro e Beira Interior (2006). O artigo “Monitorização Sísmica do Território do Parque Arqueológico do Vale do Côa (PAVC)” (Veludo I.; Matias L.; Costa P.T., 2006) conclui as explosões e as atividades realizadas nas explorações localizadas nas Pedreiras do Poio não colocam em perigo a rocha de suporte às gravuras rupestres.

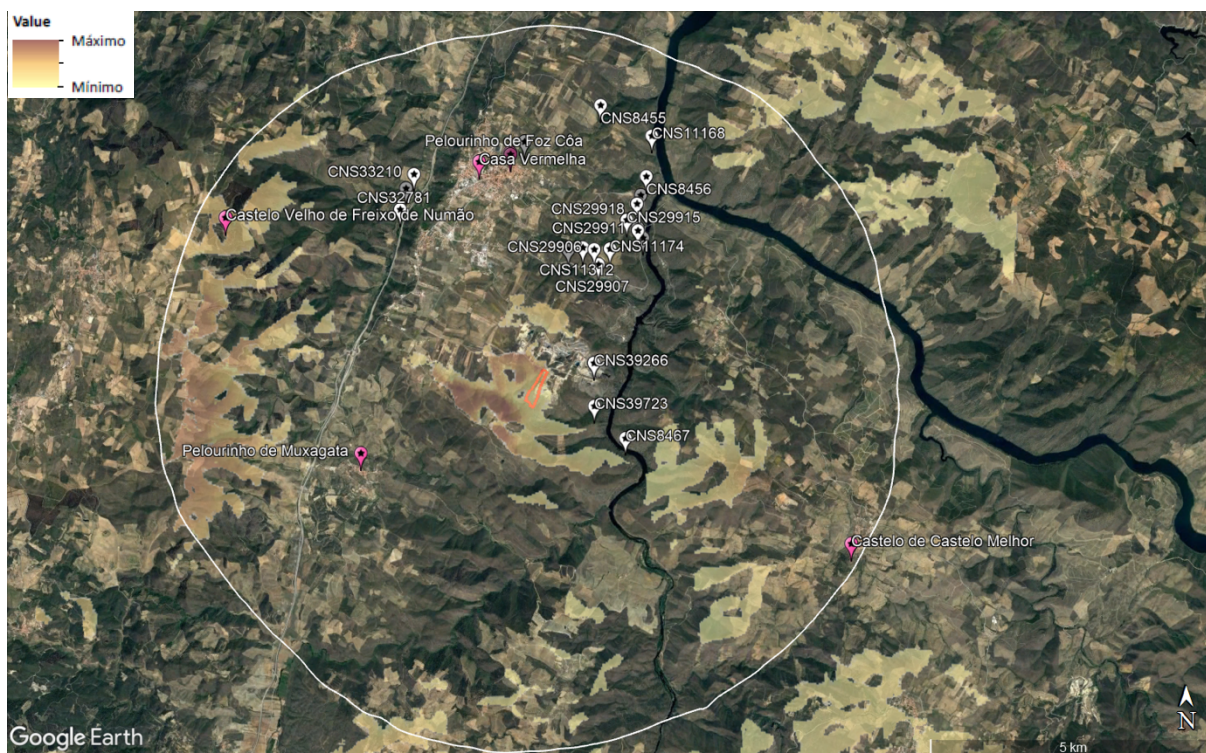


Figura 75: Visibilidade a partir de elementos do Património Cultural, Património Arqueológico, Arquitetónico e Etnológico, localizados na área envolvente, para a Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”.

Assim, considera-se que os impactes da Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II” sobre o Património Cultural, Património Arqueológico, Arquitetónico e Etnológico são nulos, não havendo afetação destes atributos da paisagem.

6.4.1.7 Miradouros e vias panorâmicas

Ao longo das margens do rio Douro existem vários miradouros sobre o rio Douro e sobre a paisagem vinhateira. Foram identificados três miradouros mais próximos da área do Projeto (um buffer de 6 km relativamente à área do projeto), *vide* Tabela 15 e Figura 76. De nenhum destes miradouros é possível avistar a pedreira.

Considera-se que o impacte da existência da n.º 6637 “Vale de Videiro II” é pouco significativo relativamente a este valor, uma vez que em nenhum dos miradouros mais próximos é possível avistar a Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”, devendo-se à localização dos mesmos e à topografia do terreno. Na Figura 76 é apresentado o mapa de visibilidade sobreposto pela localização dos miradouros identificados na envolvente da pedreira.

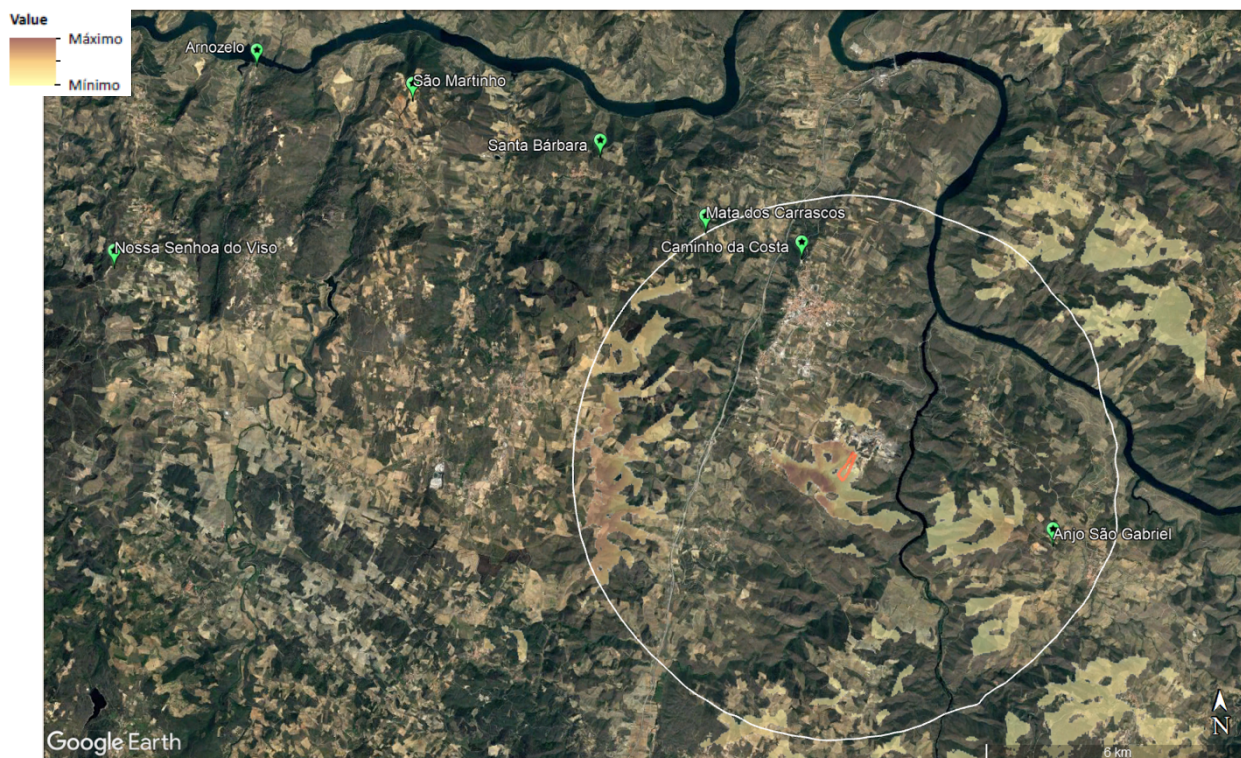


Figura 76: Visibilidade a partir dos miradouros, localizados na área envolvente, para a Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”.

As vias panorâmicas sobre a ZEP-ADV tem um valor cultural e turístico elevado pois permitem usufruir da paisagem Duriense. A valorização de vias panorâmicas (rodo-ferroviárias) de elevado valor turístico foi um dos objetivos estratégicos definido no Plano de Desenvolvimento Turístico do Vale do Douro (PDTVD) 2007-2013 (Magalhães R. *et al.*, 2008).

As vias panorâmicas são constituídas essencialmente pelas estradas nacionais e municipais classificadas cujo traçado é sinuoso devido à topografia do território e cuja rede é mais densa na margem direita do que na margem esquerda do rio Douro e pelo caminho de ferro da Linha do Douro na margem direita do rio Douro. No troço do Rio Côa, entre Castelo Melhor e a foz do Côa com o rio Douro, as principais vias panorâmicas são a N102, N222 e o IP2. Contudo, tendo em consideração a localização da Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”, a existência de vegetação e a topografia da área envolvente à mesma, esta não é visível a partir de nenhum destes acessos.

Assim, considera-se que o impacte da existência da Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II” é nulo relativamente a este valor.

6.4.2 AVALIAÇÃO DE IMPACTE SOBRE OS VALORES NATURAIS

Na Tabela 17 são apresentados os impactes previstos projeto sobre os vários atributos naturais que conferem

VUE ao ADV.

Tabela 17: Impactes do projeto sobre os vários atributos naturais que conferem VUE ao ADV.

Valores	Naturais	Fase do projeto	Natureza do impacte (benéfico ou adverso)	Magnitude e gravidade do impacte/ alteração	Significado do efeito da alteração
Atributos que conferem VUE	A geomorfologia complexa, a escassez de solo fértil e cumeadas relevantes	Fases de preparação e de exploração	Negativo	Alteração menor	Moderadamente adverso
		Após desativação	Positivo	Alteração relevante	Muito benéfico
	A diversidade de habitats naturais, particularmente os matos, matas e galerias ripícolas	Fases de preparação e de exploração	Negativo	Alteração negligenciável	Ligeiramente adverso
		Após desativação	Positivo	Alteração relevante	Muito benéfico
	Culturas mediterrânicas: a vinha, a oliveira e a amendoeira	Fases de preparação e de exploração	Neutro	Sem alteração	Ligeiramente adverso
		Após desativação	Neutro	Sem alteração	Moderadamente benéfico
	O clima, a precipitação reduzida e a escassez de água	Fases de preparação e de exploração	Negativo	Alteração menor	Moderadamente adverso
		Após desativação	Positivo	Alteração moderada	Moderadamente benéfico
	O rio Douro e os seus afluentes	Fases de preparação e de exploração	Neutro	Sem alteração	Neutro
		Após desativação	Neutro	Sem alteração	Neutro
	O efémero da paisagem: luz e cor, som e silêncio e os cheiros	Fases de preparação e de exploração	Negativo	Alteração menor	Moderadamente adverso
		Após desativação	Positivo	Alteração relevante	Muito benéfico
	Zonas de Proteção Especial – Rede Natura 2000	Fases de preparação e de exploração	Negativo	Alteração menor	Moderadamente adverso
		Após desativação	Positivo	Alteração moderada	Moderadamente benéfico
Outros componentes ou atributos patrimoniais	Património geológico - geossítios	Fases de preparação e de exploração	Neutro	Sem alteração	Neutro
		Após desativação	Neutro	Sem alteração	Neutro

6.4.2.1 Geomorfologia complexa e cumeadas relevantes

A presença de pedreiras tem impactes negativos na qualidade visual e estética da paisagem em que se encontram inseridas, induzindo alterações na topografia do terreno (alteração da forma do terreno, depressões em áreas de corta, presença de escombrelas, depósitos de blocos e estruturas e maquinaria afetas à atividade extrativa) e alterando a geomorfologia do local onde é implementada.

Na preparação da área de exploração, são desenvolvidos os processos de desmatção e decapagem do terreno, com vista à criação de frentes livres para avanço de desmonte, assim como a construção de acessos temporários e/ou permanentes, que conduzem à remoção e compactação dos solos e a criação de

escombreyras.

Qualquer destes processos conduz a impactes negativos, muito significativos, locais, certos, diretos, mas minimizáveis e reversíveis na geomorfologia.

Estes impactes condicionam a estabilidade dos processos relacionados com os aspetos morfológicos do terreno, nomeadamente a alteração da escorrência natural das águas superficiais e a capacidade de infiltração do solo.

Tendo em consideração que a pedreira já se encontra em laboração, na área de implementação do projeto a geomorfologia já se encontra bastante alterada, pelo que, os impactes neste atributo em fase de exploração serão similares aos já existentes, não sendo expectável um agravamento significativo dos mesmos.

Estes impactes são minimizáveis com a implementação de medidas adequadas de modelação do terreno a aplicar após a desativação do projeto, que irão melhorar a situação atualmente existente, nomeadamente o armazenamento de solo removido em pargas para posterior reutilização e a utilização dos estêreis da atividade extrativa nas operações de modelação do terreno.

Assim, nas fases de preparação e de exploração que se perspectivam com o licenciamento da pedreira, os impactes na geomorfologia são moderadamente adversos, pois apesar de induzirem alterações relevantes, estas apenas se irão repercutir na área afeta ao projeto, não diferindo significativamente das que ocorrem atualmente. Na fase após a desativação, as medidas de recuperação paisagística a implementar contribuirão para reverter estas alterações e melhorar a situação atualmente existente, sendo muito benéficas.

Esta afetação da geomorfologia restringe-se à área do projeto, não se estendendo à sua envolvente. Dada a reduzida dimensão do projeto, considera-se que as alterações neste atributo não põem em causa a geomorfologia complexa que caracteriza o ADV.

Uma vez que a Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II” não se sobrepõe a cumeadas consideradas relevantes, considera-se que o impacto direto do projeto sobre este atributo é nulo. Este atributo também não será significativamente afetado de forma indireta e negativa, podendo, no entanto, verificar-se um ligeiro impacto, já que há a possibilidade de a área da Pedreira ser avistada a partir de algumas Cumeadas Relevantes pertencentes à ZEP-ADV, que sobressaem na envolvente do projeto como resultado da própria diversidade orográfica da região, todavia, uma vez que a pedreira já existe no local, a significância do impacto será ligeira.

6.4.2.2 A diversidade de habitats naturais: matos e matas e galerias ripícolas

A região em que se insere a área de estudo caracteriza-se por um mosaico variado de habitats naturais e semi-naturais com dominância de matos pré-florestais diversos; pequenos bosquetes com sobreirais; culturas agrícolas tipicamente mediterrânicas de olival e vinha e zonas agrícolas com espaços naturais. A vegetação ripícola, presente ao longo das linhas de água da região, é também ela caracterizada pela presença de espécies mediterrânicas, como o freixo (*Fraxinus angustifolia*), o amieiro (*Alnus glutinosa*) ou várias espécies de salgueiros (*Salix* spp.).

Dos biótopos identificados na área a licenciar da Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”, verifica-se que as

manchas ocupadas por amendoeiras não deverão ser afetadas pelo projeto pois a área já se encontra fortemente intervencionada.

A maioria dos impactos sobre a flora local serão negativos, mas localizados e pouco significativos (uma vez que os biótopos são muito homogéneos, a pedreira tem uma reduzida dimensão e a área a explorar já se encontra intervencionada) e passíveis de serem minimizáveis, verificando-se em fase de preparação e em fase de exploração alterações moderadamente adversas face à situação atual.

Os principais impactos associados às fases de preparação e exploração da pedreira, nos biótopos e flora são:

- A remoção do solo e do coberto vegetal arbustivo e arbóreo que poderá levar a alterações na estrutura dos biótopos e diversidade de espécies vegetais;
- As mobilizações de solo que poderão contribuir para a colonização da área por plantas invasoras;
- A criação de zonas de aterro com materiais oriundos das necessárias mobilizações de solo e de rejeitados da exploração que poderão soterrar alguns núcleos de vegetação natural;
- A perturbação (pisoteio) causada pela movimentação de pessoas e maquinaria afetas à preparação e exploração da Pedreira;
- A degradação da vegetação pelo aumento de poeiras.

De referir que, no interior da área a licenciar não foram identificados habitats naturais ou semi-naturais que atribuem VUE à região, nomeadamente matos, matas e galerias ripícolas.

É importante também denotar que os biótopos e a flora, de uma forma geral, poderão ser beneficiados com o licenciamento da Pedreira, já que as ações a promover na recuperação ambiental e paisagística da área permitirão contribuir para reverter a situação atual, em que para além da extração de xisto na área de exploração, se verifica, na sua envolvente um declínio na presença de matas e de culturas mediterrânicas como resultado da degradação de habitats, incêndios florestais e abandono agro-florestal.

Assim, para a fase de exploração (uma vez que o PARP começará a ser implementado ainda nesta fase) e fase de desativação são expectáveis impactos positivos, com alterações relevantes e muito benéficas, nomeadamente: aumento da diversidade florística e estrutural dos biótopos presentes com a implementação de bordaduras com espécies florestais autóctones características das matas e de matos mediterrânicos e criação de espaços semi-naturais com culturas herbáceas e sub-arbustivas.

6.4.2.3 Culturas mediterrânicas: a vinha, a oliveira e a amendoeira

A videira e a oliveira, e em algumas zonas também a amendoeira, a figueira e a laranjeira são símbolos da cultura mediterrânica e têm uma representação muito própria no ADV (Candidatura do Alto Douro Vinhateiro a Património Mundial, 2000).

Numa grande área do ADV, a vinha é mesmo a cultura dominante, embora os olivais e os amendoais tenham também uma elevada representatividade. De facto, na proximidade da pedreira, junto às povoações de Vila

Nova de Foz Côa, Orgal e Muxagata, as encostas são maioritariamente ocupadas por vinha e pomares.

No entanto, a área a afetar pela Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II” não possui vinhas, olivais nem pomares de amendoeiras ou outras árvores frutícolas, pelo que este atributo não será afetado pelo projeto na fase de preparação e de exploração.

6.4.2.4 O clima, a precipitação reduzida e a escassez de água

A escassez de água é uma das características desta região em que a natureza da rocha-mãe e os declives acentuados dificultam a infiltração de água no solo.

De acordo com os modelos climáticos, é expectável que, na região de Vila Nova de Foz Côa, ocorra um aumento das temperaturas elevadas extremas e ondas de calor, e um decréscimo de dias de precipitação, como resultado das alterações climáticas a nível global.

Ao nível do projeto, as alterações topográficas, a movimentação de terras e a desmatção são fatores que podem causar modificações na quantidade e qualidade das águas nas áreas mais próximas do projeto. Estes fatores têm influência na drenagem superficial natural das massas de água superficiais e águas pluviais, uma vez que a ausência de vegetação diminui a infiltração e conduz ao aumento do processo de escoamento natural superficial, sendo assim necessário garantir que o escoamento das águas pluviais se processa de forma natural e adequada.

No entanto, a área da pedreira encontra-se já intervencionada, pelo que os impactos já existentes não serão potenciados, pelo contrário, o planeamento mais eficaz da rede de drenagem atualmente existente deverá minimizar esses mesmos impactos.

As atividades de extração, para além da emissão de partículas em suspensão, tornam os solos mais vulneráveis a fenómenos erosivos, sobretudo em períodos de ocorrência de precipitação elevada. Nestes períodos, o arrastamento, transporte e deposição de materiais para as massas de água superficiais pode conduzir ao seu assoreamento e à redução da sua qualidade com o aumento de sólidos em suspensão, aumento de turvação e redução da atividade das plantas. No entanto está prevista uma rede de drenagem de águas pluviais limpas constituída por valas perimetrais que irão permitir a drenagem dos terrenos confinantes. A drenagem das águas pluviais potencialmente contaminadas implica que a restituição na linha de água existente na zona envolvente ao projeto, só será efetuada após a passagem por uma bacia de decantação. A descarga da bacia de decantação, a ocorrer, só será efetuada após o licenciamento do ponto de descarga.

Quanto à água necessária ao processo produtivo, os consumos serão mantidos inalterados relativamente à situação atual que em termos de consumo é pouco significativa, uma vez que apenas é necessária água para as instalações sociais, aspersão de caminhos de acesso e máquina de corte de xisto.

A reabilitação e modelação dos solos, a plantação de espécies arbóreas e a implementação do sistema de drenagem irão posteriormente influenciar positiva e diretamente os níveis de infiltração e a drenagem superficial natural.

De salientar ainda que, o PARP proposto teve em consideração a vulnerabilidade das ações a implementar

face às condições climáticas e escassez de água, optando por soluções mais adequadas às características edafo-climáticas da região, reconhecendo que as ações de modelação do terreno, arborização, rearboreização, sementeira e demais medidas a executar, devem promover a valorização produtiva dos espaços silvestres, a recuperação de ecossistemas degradados e a prevenção e minimização de situações ambientais adversas na região em que se insere, contribuindo para a valorização e conservação dos recursos naturais, diversificação da paisagem, aumento da biodiversidade e enquadramento regional.

As alterações neste atributo serão pouco significativas, e apesar de ligeiramente adversas em fase de preparação e de exploração, após a desativação e recuperação paisagística, prevêem-se mudanças moderadamente benéficas.

6.4.2.5 O rio Douro e os seus afluentes

O projeto localiza-se a cerca de 4 quilómetros do rio Douro e relativamente próximo de cumeadas relevantes pertencentes à ZEP-ADV, que sobressaem na envolvente do projeto como resultado da própria diversidade orográfica da região.

O impacto direto do projeto sobre o rio Douro é nulo, pois este atributo não se sobrepõe à área a licenciar da Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”. Indiretamente, dada a nula visibilidade a partir de todo o vale do rio Douro para a pedreira, não se esperam impactos paisagísticos significativos.

Embora as atividades de extração de xisto estejam associadas a impactos como a emissão de partículas em suspensão, o aumento da vulnerabilidade dos solos a fenómenos erosivos, sobretudo em períodos de ocorrência de precipitação elevada que possam levar ao arrastamento, transporte e deposição de materiais para as massas de água superficiais, podendo mesmo conduzir ao seu assoreamento e à redução da sua qualidade com o aumento de sólidos em suspensão, aumento de turvação e redução da atividade das plantas, considera-se que estes impactos serão nulos sobre o rio Douro e os seus afluentes.

Como referido está prevista uma rede de drenagem de águas pluviais limpas constituída por valas perimetrais que irão permitir a drenagem dos terrenos confinantes. A drenagem das águas pluviais potencialmente contaminadas implica que a restituição nas linhas de água existentes na zona envolvente ao projeto, só será efetuada após a passagem por uma bacia de decantação. A descarga da bacia de decantação, a ocorrer, só será efetuada após o licenciamento do ponto de descarga. Assim não é expectável que a qualidade da água superficial sofra alterações pelo arrastamento e transporte de materiais provenientes dos trabalhos da pedreira, não antevendo impactos sobre o rio Douro e seus afluentes.

6.4.2.6 O efémero da paisagem: luz e cor, som e silêncio e os cheiros.

O contraste cromático criado pelo mosaico de habitats, a luz, o ambiente sonoro e os odores caracterizadores da paisagem não terão alterações relevantes face à situação atual.

Apesar do projeto contribuir para as emissões de poluentes atmosféricos, principalmente de partículas e para a produção de ruído, uma vez que a situação futura será similar à situação atual prevê-se que os impactos,

embora negativos e diretos, sejam temporários e reversíveis (pois terminarão após o tempo de vida do projeto) induzindo alterações negligenciáveis e pouco adversas.

No entanto, poderão ocorrer episódios de poluição por partículas, associados a condições meteorológicas adversas, como sejam ventos fortes e longos períodos sem ocorrência de precipitação, que promovam a suspensão de uma grande quantidade de partículas, e principalmente a emissão e ressuspensão de partículas com a circulação dos veículos pesados na via junto de recetores sensíveis. Estes impactes poderão ser minimizados, nomeadamente com a aspersão/rega de caminhos e de zonas de exploração.

Com a implementação do PARP prevê-se uma melhoria da qualidade do ar e também do valor cénico da paisagem como resultado da implementação de cortinas arbóreas no limite da área a licenciar e bordadura de caminhos, ainda em fase de exploração. Após a cessação da exploração, em virtude das ações de modelação do terreno e reabilitação de habitats que contribuirão para aumentar os contrastes cromáticos, as texturas e até os odores, como resultado da diversificação da vegetação a implementar, por redução da área exposta à ação do vento sobre o solo e pelo término das fontes de ruído inerentes à exploração.

6.4.2.7 Património geológico - geossítios

A Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II” irá explorar numa área maioritariamente já intervencionada, sendo previstas alterações relevantes na geologia devido à extração do xisto que conduz à perda irreversível de um recurso geológico, não renovável à escala humana. A exploração do recurso irá limitar-se à área definida no plano de lavra.

A Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II” localiza-se num geossítio. O Sítio designado por Pedreiras dos Xistos do Poio que, de acordo com a base de dados disponível na página de internet “Património Geológico de Portugal - Inventário de geossítios de relevância nacional” (<https://geossitios.progeo.pt/geosites>), cujo valor científico advém de ser um exemplo de sedimentação flyschóide profunda associada ao Paleozóico inferior do autóctone da zona Centro-Ibérica com interesse geológico ou geomorfológico.

A Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II” irá explorar numa área parcialmente já intervencionada sendo previsto impacte significativo no Património Geológico devido à extração do xisto.

6.4.3 IMPACTES CUMULATIVOS

Todos os esforços possíveis devem ser desenvolvidos no sentido de evitar, eliminar ou minimizar impactes adversos sobre os atributos que conferem VUE à Paisagem Cultural Evolutiva e Viva do Alto Douro Vinhateiro. No entanto, no caso de bens Património Mundial, é fundamental garantir um equilíbrio que permita contrabalançar o benefício público, económico, social e até ambiental das alterações propostas na paisagem, face aos impactes que determinado projeto irá introduzir.

A apreciação dos impactes cumulativos nos atributos que conferem VUE ao ADV é realizada de forma global. O impacte cumulativo é essencialmente visual, ou seja, sobre o valor visual ou cénico, mas é necessária uma

abordagem alargada, já que os impactes assumem muitas formas – podem ser diretos ou indiretos, cumulativos, temporários ou permanentes, reversíveis ou irreversíveis, visuais, físicos, sociais, culturais, e até económicos.

No concelho de Vila Nova de Foz Côa, tendo em consideração a informação disponibilizada no geoportal da DGEG em <https://www.dgeg.gov.pt/pt/servicos-online/informacao-geografica/>, estão identificadas 10 pedreiras (vide Tabela 18), das quais faz parte a Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”.

Tabela 18: Características das pedreiras na envolvente do projeto (geoportal da DGEG).

N.º Pedreira	Denominação	Entidade Registada	Substância	Estado	Distância ao projeto (m)	Área aproximada
5717	Alto da Touça	Construtora Medense Lda	Granito	Pedreira com caução	9 200	14,6
6827	Vale da Mó n.º 1	XISTOPOR – Indústria Extrativa, Lda	Xisto	Autorização provisória	480	6,1
4998	Jardim nº 4	CUPA Pedras Lda	Xisto	Autorização provisória	50	42,1
4995 +5002	Pedreiras de Xisto n.º 4995 “Rego da Vide” e n.º 5002 “Fraga do Poio n.º 20”	SOLICEL – Sociedade do Centro Industrial de Esteios de Lousa, Lda	Xisto	Pedreira com caução	200	32,3
2434	Fraga do Poio nº7	SOLICEL – Sociedade do Centro Industrial de Esteios de Lousa, Lda	Xisto	Pedreira com caução	470	4,7
4999	Alto da Companhia	António Augusto Pais, Lda	Xisto	Pedreira com caução	500	3,0
6632	Vale Videiro 1	Maria Piedade Fernandes, Unipessoal Lda	Xisto	Pedreira com caução	Contígua	4,1
6778	Alcadaria	CUBIGRANI – Exploração e Extração de Granitos, Unipessoal, Lda	Granodiorito	Pedreira com caução	8740	6,8
6521	Quinta das Casas	Cassiano Manuel Soares Consciência	Granito	Pedreira com caução	12 400	4,4

Tal como referido anteriormente, a Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II” insere-se no Núcleo de Pedreiras do Poio, estando próximas de outras unidades industriais: Pedreira n.º 4998 “Jardim n.º 4”, Pedreira n.º 6632 “Vale Videiro I”, Pedreira n.º 6827 “Vale da Mó n.º 1”, Pedreira n.º 4999 “Alto da Companhia”, Pedreiras de Xisto n.º 4995 “Rego da Vide” e n.º 5002 “Fraga do Poio n.º 20”. Este facto potencia o impacto cumulativo que tem ocorrido ao longo dos anos, resultando num acréscimo significativo dos “Terrenos artificializados” (áreas de exploração de xisto) em detrimento das áreas de matos, olivais, amendoal e pastagens.

Verifica-se assim um impacto cumulativo sobre os atributos naturais que conferem VUE ao ADV,

designadamente: culturas agrícolas – amendoal; culturas agrícolas – olival; culturas agrícolas – olival e amendoal e matos com azinheira, zimbro, pinheiro-bravo, amendoeira e/ou oliveira dispersos.

De destacar também que para além da empregabilidade direta, a atividade das Pedreiras do Poio criam riqueza no concelho de Vila Nova de Foz Côa de forma indireta através da dinamização de atividades económicas associadas a fornecedores, prestadores de serviços e clientes, assim como pelo aumento da notoriedade do concelho como fornecedor de produtos de elevada qualidade, afetando também outros sectores económicos como o turismo, que beneficiavam com o funcionamento das pedreiras, contribuindo com a vitalidade da economia local.

A área Pedreiras do Poio são desde há longas décadas uma área de exploração do xisto tendo ela própria potencial para ser considerado um VUE de acordo com o critério (iii) utilizado para a avaliação do VUE pela UNESCO ao “constituir um testemunho excecional de uma tradição cultural ou de uma civilização viva ou desaparecida”. Salienta-se ainda que um dos principais produtos produzidos pelas Pedreiras do Poio é precisamente esteios para vinhas que são utilizados nas vinhas do ADV. Assim sendo as Pedreiras do Poio não colocam em risco a inscrição do Bem na lista do Património Mundial.

Pelo facto de associado ao procedimento de licenciamento, estar associado um PARP, é expectável que a qualidade cénica aumente, sendo que o impacte visual final será muito positivo, sobretudo porque o PARP proposto contempla a plantação de vegetação autóctone que valoriza todo o enquadramento paisagístico da região.

6.4.4 AVALIAÇÃO GLOBAL

6.4.4.1 Efeito sobre a Autenticidade do ADV

Os valores e atributos mais relevantes não são os usualmente associados a monumentos e património no sentido mais tradicional.

As orientações técnicas de como deve ser avaliada a autenticidade de um bem são referidas nos pontos 79 a 86 do Guia “Orientações Técnicas para Aplicação da Convenção do Património Mundial (UNESCO, 2011). A satisfação das condições de autenticidade relativamente aos bens inscritos na Lista do Património Mundial é aplicável essencialmente aos valores culturais tal como referido no ponto 82:

82. Conforme o tipo de património cultural e o seu contexto cultural, pode-se considerar que os bens satisfazem as condições de autenticidade se os seus valores culturais (tais como são reconhecidos nos critérios da proposta de inscrição) estiverem expressos de modo verídico e credível através de uma diversidade de atributos, entre os quais: forma e conceção; materiais e substância; uso e função; tradições, técnicas e sistemas de gestão; localização e enquadramento; língua e outras formas de património imaterial; espírito e sentimentos; e outros fatores intrínsecos e extrínsecos. (UNESCO, 2011).

“No ADV, os povoados, os edifícios das quintas, os logradouros e construções religiosas, não possuem a “grandeza” correspondente à opulência da paisagem. O património vernacular mais representativo encontra-

se nas vertentes íngremes, nos socacos (patamares sustentados por muros de pedra seca em xisto), no solo cultivável construído pelo homem, na rede de caminhos e acessos, na variedade biológica e tipológica das vinhas e no padrão de paisagem” (Ramos C. e Fonseca G., 2014).

A construção e presença do projeto não compromete as condições de autenticidade que foram reconhecidas ao ADV, na medida em que não são afetados de forma direta e significativa socacos (patamares sustentados por muros de pedra seca em xisto), solo cultivável construído pelo homem, rede de caminhos e acessos, variedade biológica e tipológica das vinhas e dos outros valores culturais, materiais e imateriais, que constituem atributos que conferem VUE ao ADV.

O impacto visual da presença do Projeto, devido às razões apontadas ao longo do presente relatório e no EIA, nomeadamente devido à sua dimensão e localização, não afeta de forma significativa a autenticidade dos atributos culturais nem o padrão de paisagem do ADV.

Salienta-se que a paisagem atual é semelhante à paisagem futura, em fase de exploração, e que o PARP irá, desde logo, permitir melhorar a integração paisagística da atual área de exploração.

6.4.4.2 Efeito sobre a Integridade do Bem

As orientações técnicas de como deve ser avaliada a integridade de um bem são referidas nos pontos 87 a 95 do Guia “Orientações Técnicas para Aplicação da Convenção do Património Mundial (UNESCO, 2011). No ponto 89 são dadas as orientações para a avaliação da integridade do bem que se inscreve de acordo com os critérios (i) a (vi), que foram os critérios com que se sustentou a inscrição do ADV.

89. No caso dos bens propostos para inscrição de acordo com os critérios (i) a (vi), o tecido físico do bem e/ou as suas características significativas devem encontrar-se em bom estado, e o impacto dos processos de deterioração deverá estar controlado. Deve incluir uma percentagem importante de elementos necessários à transmissão da totalidade dos valores que o bem representa. As relações e as funções dinâmicas presentes nas paisagens culturais, cidades históricas ou outras propriedades habitadas, essenciais ao seu carácter distintivo, devem igualmente ser mantidas.

O ADV possui todos os valores e atributos que exprimem o seu VUE. Estão presentes na totalidade de área, mantendo o carácter intacto, com a dimensão que permite a representação completa das características e processos que transmitem a sua importância enquanto região vinhateira e paisagem tecnológica singular. O uso do solo, as tipologias de implantação dos vinhedos, o padrão da paisagem, os povoados, as quintas, os muros de xisto, a rede de acessibilidades e a morfologia complexa do ADV manifestam-se nos seus limites com a expressão mais representativa e preservada da Região Demarcada do Douro, refletindo bem as relações e as funções dinâmicas da paisagem cultural evolutiva viva. O tecido físico do ADV e as suas características significativas encontram-se em bom estado de conservação, e os processos que podem gerar efeitos adversos encontram-se controlados, espelhando, assim, as condições de integridade do bem (Ramos C. e Fonseca G., 2014).

A construção e presença do Projeto (impacte visual) devido às razões apontadas ao longo do presente relatório

e no EIA, nomeadamente devido à sua dimensão, localização, implementação imediata do PARP, não compromete as condições que garantem a integridade do ADV.

7 MEDIDAS DE MINIMIZAÇÃO

A sensibilidade visual de uma paisagem traduz o grau de suscetibilidade que esta apresenta, relativamente à implementação de atividades humanas, ou a eventuais alterações de usos do solo. Assim, uma paisagem que apresente um elevado grau de sensibilidade poderá facilmente sofrer uma redução significativa de qualidade visual perante a implementação de atividades impactantes.

De um modo geral, as paisagens de elevada qualidade apresentam simultaneamente elevada sensibilidade, ou seja, são facilmente afetadas negativamente por ações de alteração do uso do solo e dos respetivos sistemas de gestão. Por outro lado, em paisagens que apresentam elevada sensibilidade, as ações de valorização paisagística são mais suscetíveis de gerar impactos visuais significativos.

Assim, tendo em consideração que a área do Projeto da Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II” tem uma sensibilidade elevada, a aplicação de medidas de minimização na recuperação ambiental e paisagística da área contribuirá para aumentar a qualidade da paisagem.

A principal medida de minimização proposta é a aplicação do PARP de forma faseada e reforçando a cortina arbórea nos limites da pedreira desde o início da implementação do projeto. Na Tabela 16 são apresentadas outras medidas de minimização complementares.

Tabela 16: Medidas de minimização propostas.

Medida de minimização e compensação
Cumprir na íntegra o Plano de Pedreira. Seguir as indicações do Plano de Lavra, Plano de Gestão de Resíduos e PARP.
Reforçar a formação aos trabalhadores, sobre as boas práticas a ter durante a realização dos trabalhos, elencando o conjunto de medidas de minimização a implementar e a sua importância.
Limitar a circulação de máquinas e de recursos humanos nas áreas estritamente necessárias.
Limitar o corte de vegetação às zonas efetivamente a explorar e respetivos acessos, de forma a que as áreas com vegetação possam continuar a constituir o habitat preferencial de certas espécies da fauna (nomeadamente aves, invertebrados, répteis, etc.) adaptáveis à presença deste tipo de projeto.
Corte da vegetação existente de forma faseada à medida que a frente de trabalho for progredindo. Preservar, sempre que possível, todos os exemplares arbóreos e arbustivos autóctones junto do perímetro da zona de exploração, que não perturbem a atividade, sinalizando-os quando próximos das áreas interveniadas.
A terra vegetal resultante da decapagem da área de ampliação e áreas diretamente interveniadas deverá ser removida e armazenada em local próprio para posterior revestimento dos taludes, plataformas e áreas afetadas. Esta terra vegetal deverá ser repostada à medida que a exploração for avançando, devendo-se implementar medidas que evitem a sua erosão.
Proteger as pargas com uma sementeira de herbáceas, de modo a controlar a altura das mesmas, de modo a evitar processos de arrastamento de terras provocadas por ação do vento e da chuva, e de modo a integrar as pargas na paisagem.
As operações de desmatamento, decapagem e modelação de terras deverão ser realizadas, preferencialmente, numa fase em que não ocorra precipitação, de modo a não sujeitar o solo à ação erosiva da chuva.
Caso durante as escavações apareçam vestígios arqueológicos ainda desconhecidos, será necessário proceder a trabalhos arqueológicos para avaliar a importância dos mesmos.
Os sistemas de drenagem natural e os sistemas de drenagem construídos devem ser mantidos de forma a permitir o escoamento das escorrências superficiais para os terrenos confinantes.

8 CONCLUSÕES

Tendo em consideração que se trata de um Projeto já existente, o Projeto da Pedreira n.º 6637 “Vale de Videiro II”, não afeta a Autenticidade nem a Integridade do Bem ADV, nem se considera que as alterações a introduzir sejam suscetíveis de afetar a perceção a nível local, nacional ou internacional do Bem.

Assim sendo, o projeto não coloca em risco a inscrição do Bem na lista do Património Mundial.

9 BIBLIOGRAFIA

- Cancela d’Abreu, A., Pinto-Correia, T., Oliveira. (2004). Contributos para a Identificação e Caracterização das Unidades de Paisagem em Portugal Continental. Volumes I a V. DGOTDU.
- ICOMOS. Guidance on Heritage Impact Assessments for Cultural World Heritage Properties. International Council on Monuments and Sites. 2011
- Magalhães R., Fazenda N., Alegria E., Gomes J., Costa V. Plano de Desenvolvimento Turístico do Vale do Douro PDTVD 2007-2013. Estrutura de Missão do Douro. CCDRN. 2008.
- Ramos C., Fernandes D., Girão F., Fonseca G., Pereira M. J., Lima R. EMD—Relatório da Atividade Desenvolvida e dos Resultados Alcançados. 2013
- Ramos C., Fonseca G. Interpretação do Significado de Paisagem Cultural: O valor da chancela UNESCO no caso do Alto Douro Vinhateiro. Seminário “Alto Douro Vinhateiro: Território de Ciência e Cultura - UTAD, 25 e 26 de junho de 2014
- UNESCO, CPM.11/01, Orientações Técnicas para Aplicação da Convenção do Património Mundial, Edição Lisboa, 2011

10 ANEXO